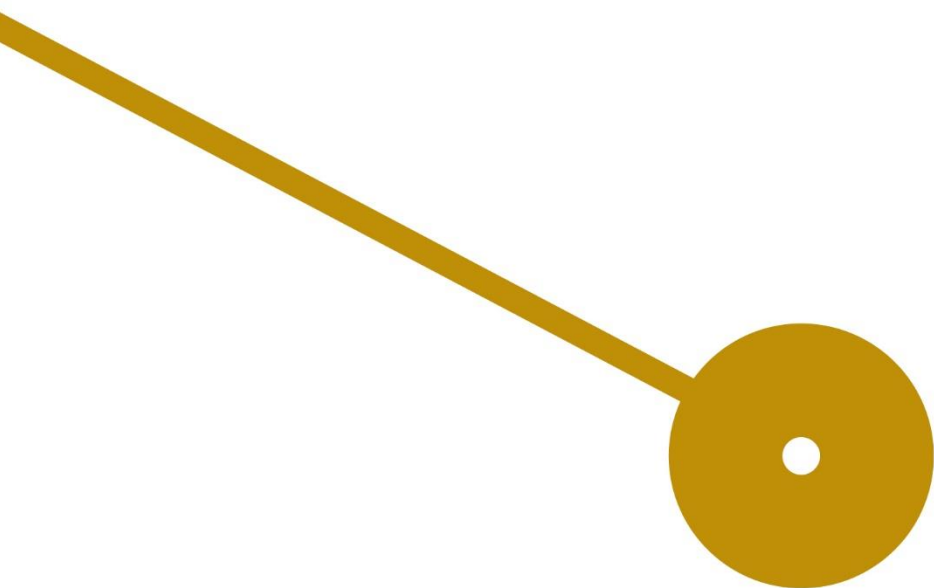


M

Shhhhhh...: conta-me uma história
Margarida Alexandra Couto Fernandes da
Silva

06/2018



M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Shhhhhh...: conta-me uma história
Margarida Alexandra Couto Fernandes da Silva

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Música e Artes do
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística.

Professora Orientadora
Sónia Passos

Professora Co-orientadora
Ana Caridade

06/2018

Dedico este trabalho aos meus pais e professoras orientadora e coorientadora pelo incansável apoio.

Agradecimentos

Quero agradecer profundamente:

À professora Sónia Passos a quem escolhi para ser minha orientadora: agradeço por toda a orientação e por me ter acompanhado neste grande e longo processo, por todos os conselhos e esclarecimentos.

À professora e coorientadora de estágio Ana Caridade por me ter proporcionado ótimas e maravilhosas experiências, enriquecendo-me profissionalmente e pessoalmente.

À associação “O mundo somos nós”, por me ter acolhido de braços abertos e me ter proporcionado grandes aprendizagens.

À plataforma Mosaico que, mesmo em crescimento, me acolheu e me permitiu ter as mais variadas experiências ligadas aos meus interesses de trabalho.

À Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, por toda a acessibilidade e organização e informação.

Aos professores que ao longo destes dois anos mostraram toda a disponibilidade, que partilharam, e pelos conselhos e ensinamentos que me deram.

À minha turma um muito obrigado, por todo o apoio, por todos os conselhos e momentos em que trabalhamos e aprendemos juntos.

E em muito especial aos meus pais, por todo o apoio ao longo destes dois anos, sem eles esta grande aventura não seria possível, muito obrigada de coração pelo esforço que fizeram e pela confiança que depositaram em mim.

Resumo

O presente relatório resulta de um estágio realizado na plataforma Mosaico da associação O Mundo Somos Nós e aborda as diferentes acções realizadas durante este processo. Centra-se em duas actividades, protocoladas com a Escola superior de Música e Artes do Espectáculo, designadamente: o desenvolvimento de uma oficina de expressão dramática e a interpretação da história/conto “O Ensino de Santiago”.

Este trabalho parte de uma proposta da minha parte, para trabalhar os meus interesses de pesquisa, “A contaminação entre a contadora de histórias e a actriz”.

Respondo a um estágio com vertentes inclusivas e educativas e como esta nova adaptação teve impacto em mim e na minha proposta inicial e como esta necessidade de adaptação me conduziu a um novo foco que foi a construção de personagens.

Palavras-chave

Narradora; Actriz, Contadora; História; Construção de Personagens, Projecto Educativo/Inclusivo; Crianças e Jovens.

Abstract

This report is the result of a training session on the Mosaico platform of the association O Mundo Somos Nós and addresses the different actions taken during this process. It focuses on two activities, filed with the Superior School of Music and Performing Arts, namely: The development of a dramatic expression workshop and the interpretation of the story/tale "The Teaching of Santiago".

This work is part of a proposal from me, to work on my research interests, "The contamination between the storyteller and the actress." I respond to a stage with inclusive and educational aspects and how this new adaptation had an impact on me and my initial proposal and how this need for adaptation led me to a new focus that was the construction of characters.

Keywords

Narrator; Actress, Storyteller; History; Character Construction, Educational / Inclusive Project; Children and Youth.

Índice

Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
INTRODUÇÃO	IX
1. “CADA ALMA TEM UMA MISSÃO DE AMOR”	1
1.1. Como tudo começou	1
1.2. Era uma vez...	2
1.3. ...N’O Mundo Somos Nós - Mosaico	4
1.4. Sentir na pele a Contadora, Narradora e Actriz	5
2. “ELA TINHA UM SEGREDO”	9
2.1. Actividades paralelas – extra protocolo	9
2.1.1. Dança Cia. ETC: um workshop	9
2.1.2. “Thiana para além do arco íris”: uma leitura encenada	10
2.1.3. “À luz no cor-acção”: uma história coreografada	10
2.1.4. “My Hands, My Heart”: Vídeo Dança Cerci Braga	10
2.2. Formadora de Expressão Dramática, uma experiência	11
2.2.1. As sessões oficiais	11
2.2.2. O grupo de trabalho	14
2.2.3. A diversidade e a heterogeneidade do grupo	14
2.2.4. Nem tudo é perfeito: Conflitos e Tensões	15
2.2.5. A minha descoberta: uma experiência também de autoconhecimento	16
2.2.6. Arriscando com o texto: experimentação do texto como base exploratória	17
2.2.7. Cada experiência, uma aprendizagem	18
2.3. “O Ensino de Santiago”	19
2.3.1. Uma amizade com o texto: a minha aproximação às palavras da história	19
2.3.2. O mergulho na história: a apropriação da história	21
2.3.3. Outras vidas: a construção das personagens	24
2.3.4. Os parceiros desta jornada: a equipa	27
a) Conhecer os um pouco mais: apresentação da equipa	28
b) Laços criados: a relação com a equipa	28
c) Mãos ao trabalho: as residências em Cabeceiras de Basto	29
2.3.5. Santiago salta do papel: as apresentações públicas	32
a) Uma primeira experiência: Pré-Teste na Póvoa da Lanhoso	33

b)Entre o Urbano e o Interior: Braga e Arco Baúlhe	35
3. “AO CHEGAR A CASA DEITOU A CABEÇA NA ALMOFADA...”, MAS NÃO ADORMECEU!	39
BIBLIOGRAFIA.....	43
ANEXOS	

Introdução

No presente relatório de estágio exponho todo o trabalho e actividades realizadas que contribuíram, de uma forma geral, para o meu desempenho.

Este trabalho *conta* desde a ideia principal, às associações que me acolheram, aos conceitos que escolhi trabalhar, às diversas actividades paralelas ao protocolo de estágio que realizei, assim como a minha acção como formadora de expressão dramática e todo o processo das oficinas, mostrando o meu ponto de vista sobre este.

Conto também sobre o espectáculo em si “O ensinamento de Santiago”, enquanto actividade e tarefa central de todo o estágio, e todo o processo de conhecimento, de aproximação e apropriação da história e do texto. Para o efeito, refiro a experiência na construção das personagens e o que retirei da minha formação para a sua realização e as aprendizagens adquiridas.

Abordo o trabalho da equipa que construiu o Santiago, a minha relação com ela e reflecto como esta teve impacto no processo de construção.

As apresentações públicas nos diferentes lugares, as suas comparações e como me senti em cada um dos lugares reagindo a diferentes públicos são outro momento de análise.

Por último, mas não como fim, faço uma reflexão acerca de como me senti sendo o rosto do projecto de Santiago e como isso me trouxe possibilidades e potencialidades relacionadas com a minha formação. E ainda o meu trabalho de actriz em contexto de estágio numa natureza inclusiva e educativa, e o que essa experiência me permitiu concluir acerca das ideias iniciais de pesquisa centradas no contador de histórias e no que acabou por se revelar a prática do estágio, enquanto ferramenta de construção de personagens.

Decidi escrever este relatório num registo de história, como se estivesse a contar algo, onde por vezes promovo o contacto directo com o leitor, como que falando com este.

Esta decisão surgiu da necessidade de tornar a escrita um processo mais fluido, apelando à participação do leitor na narrativa desta *minha* história.

1. “Cada Alma tem uma missão de amor”

1.1. Como tudo começou

No princípio de tudo, a história era diferente, mas, entretanto, outra história ganhou vida.

A história inicial tinha o propósito de criar um espetáculo em que tinha como objectivo a recolha de histórias reais de carácter resiliente.

O interesse por descobrir histórias de pessoas que ultrapassaram grandes desafios na vida, já veio de algum tempo atrás, mas com a entrada no mestrado e a necessidade de criar algo meu, surgiu também a necessidade de poder contar estas histórias através da arte do Teatro.

Ouvir as histórias de diversas pessoas e poder fazer uma seleção de todas elas e leva-las para palco dando-lhes vida era e é para mim absolutamente gratificante e algo que me daria bastante gosto realizar tanto profissional como pessoalmente.

Agrada-me pensar que a ideia é quase como se eu fosse a voz dessas mesmas pessoas, e pudesse dar lugar a histórias e a pessoas que nunca tiveram oportunidade de o demonstrar.

Com todo este entusiasmo acabo por ligar um gosto a uma paixão, isto é, comecei por relacionar as histórias e o meu papel como atriz, deste modo, pensei em contar uma história que não me pertencesse, mas que através de figurinos, adereços e personagens, houvesse uma apropriação dessa mesma história, dirigindo-me sempre para o público tornando-o quase um co-autor mediante os seus estímulos às minhas interações.

A pergunta de partida que acabei por ir construído à medida que mergulhava mais nesta ideia foi

- “De que forma a contaminação existente entre contador e actor pode reavivar uma Arte antiga e estimular novas aprendizagens relacionadas com a Arte oral e o Teatro?”

Tendo por base a proposta de investigação de Ângela Saldanha “O caminho para casa” (2015), realizei uma proposta de investigação individual no âmbito da unidade curricular opcional Metodologias de Investigação em Arte. Desenvolvi um desenho de investigação/criação e defini o que poderiam ser estratégias para produção ou criação de dados; recolha de dados e ainda possíveis objectivos para a realização da minha proposta.

A produção ou criação de dados seria constituída por: elaboração de guiões para as entrevistas como abordagem às pessoas, recolha de histórias de vida de diferentes faixas etárias, documentação escrita das histórias e documentação em fotografia e vídeo.

A recolha de dados seria baseada numa análise dos guiões para as entrevistas como abordagem às pessoas, seleção da recolha de histórias de vida de diferentes faixas etárias, análise da documentação escrita das histórias e análise e selecção da documentação em fotografia e vídeo

E os possíveis objectivos definidos então foram: conhecer novas técnicas teatrais e orais, criar/experimentar momentos de ligação entre contador e actor, construir personagens, desenvolver o perfil do contador de histórias, entender e construir a narrativa, compreender a faixa etária que pretendia ouvir, compreender que tipo histórias pretendia recolher, recolher histórias, reavivar uma arte antiga, tornar possível a junção da Arte oral com o Teatro, entender o foco da proposta e as suas possíveis variações, compreender a dimensão performativa da proposta

Em síntese, a proposta de investigação individual consistia na contaminação do Contador de histórias com o Actor, baseando-se numa relação triangular: Construção de personagem, construção do contador de histórias, e a construção da narrativa. Pretendia contar histórias de carácter resiliente de pessoas que tivessem ultrapassado momentos da vida menos bons.

Entretanto, com o passar do tempo, outros caminhos percorri, e entre encontros e desencontros surge uma outra história “O Ensino do Santiago”, e a possibilidade de a trabalhar em contexto de estágio, que irei *contar* adiante, mas para isso deve continuar a ler.

Apesar de ter escolhido caminhos e histórias diferentes, esta ideia inicial não ficou para trás e muito menos esquecida, ficou antes parada na minha mente à espera de ser reiniciada.

Prefiro neste momento deixar este projecto no ar, como referência a algo que possa acontecer nem que seja daqui a uns anos... quem sabe?!

1.2. *Era uma vez...*

Deixe-se agora envolver pela história e viajar com todas estas palavras.

Quando andava na escola secundária, tinha eu cerca de dezassete anos, fui convidada para participar de um projeto com o nome “Conta o que se conta” – Projeto de jovens de Narração Oral e de recolha de contos tracionais. Este projecto tinha como objectivo contar as histórias recolhidas em Portugal às diversas comunidades de São Vicente - Cabo Verde. Para

isso angariámos fundos para conseguirmos viajar para Cabo Verde e lá contar as histórias às crianças.

Esta primeira experiência no universo da Narração Oral permitiu-me um maior conhecimento sobre uma arte já esquecida, deixando-me marcada pela curiosidade de saber mais.

O convite para iniciar esta jornada com mais nove pessoas partiu da criadora do Projecto e na altura minha professora Ana Caridade que possui um vasto trabalho na área da narração oral e em trabalhos inclusivos, educativos e artísticos.

Durante esta experiência, foram-se construindo amizades, partilhas, valores, conhecimentos e sobretudo vontade de voltar a repetir.

O tempo foi passando... até que, numa certa altura da minha vida, numa fase mais adulta já quando estudava no mestrado, e depois de perceber que o projecto que me propus exigia um tempo mais alargado para se concretizar, mantendo os mesmos interesses de pesquisa (contaminação contador/ actor), lembrei-me desta experiência. Deste modo, surgiu necessidade de escolher outra alternativa para poder explorar os meus interesses de pesquisa. A alternativa foi a possibilidade de estágio conseguido a partir do reencontro com a Ana Caridade, actualmente responsável pela plataforma Mosaico, uma unidade de associação O Mundo Somos Nós.

E foi neste preciso momento da minha vida em que retornei ao meu passado com uma certa nostalgia que decidi fazer de uma das melhores experiências da minha vida, uma motivação para trabalhar em algo que me interessava.

E foi assim que tudo aconteceu, um contacto já existente entre duas pessoas que partilharam momentos e trabalhos levou a uma nova aproximação. Esta aproximação ocorreu de forma bastante natural e livre de inibições.

Houve várias conversas, nessas conversas foram abordados temas do passado e principalmente a minha pretensão em trabalhar no universo da narração oral. Expus que gostaria de contar histórias, e ter as mais variadas experiências, pois o meu objectivo era também interpretar múltiplas personagens, e descobrir a contaminação existente entre a Contadora de histórias e a Actriz. De seguida, foram-me, então, expostas algumas propostas e “oferecido” um leque de experiências pela agora, então, co-orientadora Ana Caridade.

Das várias possibilidades, em articulação com as orientadoras, definimos duas grandes tarefas: a dinamização como formadora de oficinas de expressão dramática na associação O Mundo Somos Nós; e a participação enquanto actriz e contadora no projecto da Mosaico “O Ensino de Santiago.”

Caso o leitor continue a ler, irá saber mais sobre este trabalho.

1.3. ...N’O Mundo Somos Nós - Mosaico

Este estágio foi realizado na associação “O mundo Somos Nós” (OMSN) que se constitui como escola de ensino alternativo, para além de se assumir como:

Associação sem fins lucrativos, tem como fim promover a educação do ser humano como um todo, através de experiências que incentivem a cooperação entre indivíduos e comunidades, o respeito pelo meio ambiente e a auto-sustentabilidade, o auto-conhecimento e a investigação do homem e da vida de forma a criar uma sociedade mais consciente e responsável. (<https://pt-pt.facebook.com/omundosomosnos.projecto/>)

Dentro desta instituição o trabalho em geral foi realizado por uma extensão da OMSN, a Mosaico, uma plataforma de projetos inclusivos, educativos e artísticos, que se assume e apresenta da seguinte forma:

MOSAICO...arte milenar que consiste em aglomerar embutindo peças de cores, formas e tamanhos diferentes criando uma miscelânea harmoniosa em forma de imagem.

A plataforma MOSAICO surge desta metáfora em que une um coletivo de artistas, criativos e educadores.

Os projetos inclusivos, artísticos e educativos foram surgindo como laboratórios experimentais e vivenciais em que o contributo dado por cada um foi/é fundamental para a construção do TODO.

O MOSAICO tem como base o ser humano... a estimulação da humanização, os direitos humanos e os objetivos do desenvolvimento sustentável. Pretende ser uma plataforma de partilha de boas práticas inclusivas valorizando a identidade e o contributo de cada peça que perfaz o desenho final do MOSAICO.

O MOSAICO – plataforma de projetos inclusivos artísticos e educativos subdivide-se em 5 áreas de intervenção: MOSAICO – Companhia Inclusiva, MOSAICO – Educação, MOSAICO – Identidade, MOSAICO – Internacionalização e MOSAICO – Publicações (<http://www.mo-sai-co.pt/sobre/>)

Para a plataforma Mosaico, “O Ensino do Santiago” é um projecto desenvolvido com o objectivo na intervenção social. Deste modo, há um propósito em “resgatar a criança à sua plena essência, com a ajuda de vertentes inclusivas e educativas estimulando assim, o que estas têm perdido na sociedade de hoje, e que muitas vezes faz “desligar” as crianças da sua própria natureza e essência. É também proposto um conjunto de ilustrações do Santiago, no qual este representa a naturalidade deste amigo imaginário.

1.4. Sentir na pele a Contadora, Narradora e Actriz

Estes três conceitos chave – contadora – narrador - atriz -, que fui adquirindo durante a minha formação académica e também durante o meu crescimento pessoal e devido à minha participação em actividades extracurriculares, ficaram marcados na proposta de estágio apresentada ao Conselho Técnico Científico, e foi dentro destas três vertentes paralelas, que acabaram por se cruzar, que decidi focar o meu tema – as Contaminações entre a Contadora de Histórias e a Actriz.

Dentro desta proposta defini conceitos chaves, tais como: Contadora de histórias, Actriz, Narração oral, Interação, Crianças, Contemporaneidade.

Defini também objectivos como: explorar as contaminações existentes enquanto contadora de histórias e atriz, articular o trabalho de contadora de histórias com o trabalho de atriz, descobrir, a partir da prática, momentos de ligação entre a contadora e a atriz, trazer à contemporaneidade o trabalho de contador de histórias, conhecer novas técnicas teatrais e de narração oral e integrar estímulos de espectadores-crianças na construção de histórias.

De modo a definir uma posição e a situar-me perante este universo e o meu processo de pesquisa realizei uma breve consulta no dicionário de Patrice Pavis (2003) sobre os conceitos: Contador, actor e narrador.

Segundo Patrice Pavis o contador de histórias é:

O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou uma outra história, dirigindo-se directamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre ao seu relato. (Pavis, 2003 p.69)

Enquanto sobre o actor afirma que:

O ator desempenhando um papel ou encarnando uma personagem, situa-se no próprio cerne do acontecimento teatral. Ele é o vínculo vivo entre o texto do autor, as directivas de atuação do encenador e o olhar e a audição do espectador. (Pavis, 2003 p.30)

O narrador:

Em princípio excluído do teatro dramático o qual o dramaturgo nunca fala e seu próprio nome, o narrador reaparece em determinadas formas teatrais, em particular no teatro épico.

O narrador não intervém no texto da peça (...) Portanto, só pode haver narrador apenas sob a forma de uma personagem que é encarregada de informar os outros caracteres ou o público contando e comentando directamente os acontecimentos. (Pavis, 2003 p.258)

O que Patrice Pavis transmite e reforça é a ideia de interação e proximidade do contador de histórias com o público que, muitas vezes, assume um papel de cocriador. Esta proximidade

possibilita a vivência de novas experiências, tanto por parte do espectador como também, por parte do Contador.

No caso do Narrador, este pode representar a ideia de personagem associada à história com ligações a outras possíveis personagens que, por sua vez, pode narrar alguns acontecimentos, mas mantendo sempre traços que o caracterizam e o diferenciam, sendo que, por vezes, é difícil perceber a linha entre narrativa e acção dramática, logo entre narrador e personagem, pois tal como Pavis (2003) afirma: “A fronteira entre narrativa e acção dramática é, por vezes, difícil de ser traçada, pois a enunciação do narrador permanece ligada à cena, de modo que uma narrativa é sempre mais ou menos “dramatizada”. (p.258)

Em todo caso, o contador não se pode confundir com o narrador: “É preciso não confundir o contador de histórias com o narrador, que pode ser uma personagem que conta um acontecimento (...)” (Pavis, 2003, p.39), e ao actor cabe a função de dar forma a uma ou várias personagens.

De forma a ter um maior conhecimento sobre a Narração oral em Portugal e sobre o trabalho de contador de histórias, encontrei alguns exemplos de contadores de histórias, nomeadamente: António Fontinha, Clara Haddad e Cristina Taquelim.

António Fontinha foi pioneiro em narração oral em Portugal, mas já contou em diversos lugares como França, Argentina, Bélgica e Cabo Verde. O seu público alvo começou por ser infantil, e com o passar dos anos foi-se alargando aos adultos. O seu repertório de contos são temas de tradição oral portuguesa. Para António Fontinha ser contador é:

Afinal de contas quem é o contador de histórias e o que é o acto de contar histórias? E isso persiste, e isso continua a ser uma pergunta e, eventualmente, um motor na situação de qual é o sentido que faz viver de contar histórias. (Fontinha, in Fonseca, 2010, p.65)

Um outro exemplo de Contadora de Histórias, cujo trabalho já tive a oportunidade de ver ao vivo, é Clara Haddad, que leva o seu repertório de relatos tradicionais, árabes, brasileiros, portugueses e africanos até ao Brasil, Espanha, França e Venezuela. Clara conta para todos os públicos, e para ela contar histórias e este universo de narração oral é:

Palavras que saem da boca chegam aos ouvidos, mas palavras que saem do coração chegam ao coração, tal como diz um ditado africano e a narração oral é emoção que brota do coração, que leva à reflexão, ao conhecimento de si mesmo e do outro. (<https://www.clarahaddad.com>)

O último exemplo (entre tantos outros possíveis) é o da contadora de histórias Cristina Taquelim que leva o seu trabalho a todas as idades e a lugares como, Moçambique, Brasil, Cabo Verde, Espanha e ainda Argentina. Foi criadora dos programas “Palavras Andarilhas” e “Mil e

uma noites, Mil e uma histórias”. O seu reportório é de acordo com o auditório para quem se irá dirigir, mas com base em contos tradicionais e contos de autor. Para Cristina ser contadora é:

Porque não é um contador que substitui, não é o ouvir uma história de autor que substitui a leitura da própria história. (Taquelim, in Fonseca, 2010 p.80)

(...)

É ser fiel ao acto de comunicar (...) Eu só quero o estudar, quer dizer, quero viver aquilo que se passa no meio deste triângulo, que é o acto de contar. (Taquelim, in Fonseca, 2010 p.96)

Ao longo dos anos, o papel do contador de histórias tradicional tem vindo a perder-se, a transmissão de acontecimentos por via da palavra tem sido esquecida e, de alguma forma, quando começou novamente a ser lembrada, ganhou uma nova dimensão ligada à contemporaneidade em que muitos contadores recorrem a recursos teatrais e muitos actores afirmam-se como contadores. Deste modo, levou a dois tipos diferentes de contador de histórias: o contador tradicional ou de raiz que se forma naturalmente no seu ambiente de origem e o contador da actualidade ou contemporâneo que sente a necessidade de se formar, conhecer e experimentar novas técnicas em cursos e oficinas, para depois contar histórias para um público.

Estamos perante uma nova fase da narração oral e do contador de histórias, e nota-se não só adesão ao trabalho de contador de histórias através, por exemplo, de festivais realizados em plenas ruas das cidades, para todo o tipo de público. Como exemplo temos o festival “Varandas”, no Porto, que põe o público a olhar para as varandas assistindo a diversos contos e cantos em português.

É, de facto, uma nova abordagem à narração oral e ao papel do contador de histórias, é trazer algo tradicional para os dias de hoje, com diversas formas de cativar o espectador e de fazer renascer uma arte antiga, na sociedade contemporânea.

Esta mais recente abordagem vai ao encontro do pensamento do dramaturgo, actor, criador, crítico Rui Pina Coelho, no texto “Narradores, actores e contadores de histórias” em que afirma existir uma fronteira ténue entre o contador e o actor com fortes pontos de contaminação: “A fronteira entre o contador tradicional (aquele da tradição oral) e o contador-actor é muito ténue e na cena contemporânea há muitos focos de contaminação.” (Coelho, 2008, p.5).

Um outro dado relevante, e ainda de acordo com Rui Pina Coelho, é a questão da corporalidade do actor que tem um forte impacto na imaginação do espectador, cujo objectivo é fazer com que o corpo do intérprete desapareça, tornando-se assim, “um simples veículo para a palavra” (Coelho, 2008, p.21). Rui Pina Coelho defende a dimensão performativa como traço

determinante no acto de contar histórias que passa pela representação a solo, a ausência ou não de adereços e figurinos, o predomínio de uma dinâmica vocal e o estabelecimento de uma relação informal e democrática com o público.

Estas foram referências de partida à minha proposta. À medida que a dimensão inclusiva e educativa do projecto ia avançando e ganhando força fui acrescentando novas referências que surgiram da necessidade de reforçar a pesquisa sobre o que ia acontecendo durante as tarefas de estágio, sobretudo no decurso na relação com crianças enquanto público e alunos (nas oficinas OMSN) e com os grupos com necessidades educativas especiais.

Para finalizar, deixo em aberto a possibilidade de poder reflectir sobre algo que me parece uma urgência, e que é o papel do contador de histórias, nos dias de hoje com toda a força tecnológica que afecta as crianças e o seu crescimento e ainda o papel do contar histórias numa altura em que há uma fuga constante da palavra.

2. “Ela tinha um segredo”

Peço agora ao leitor que prometa que irá guardar segredo, sobre o que vai ler aqui...

shhhhhh!

É neste capítulo onde começo por desenvolver as minhas actividades enquanto estagiária na plataforma Mosaico.

Para além de todas actividades desenvolvidas em estágio, a plataforma Mosaico, por estar em crescimento, ofereceu-me algumas outras actividades que considero paralelas, mas que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal, aumentando, assim, o meu desempenho no estágio.

Actividades tais como: workshop de dança com a companhia Cia.ETC; leitura encenada de “Thiana para além do arco iris”; “À luz do coração”; e por último vídeo dança com o grupo Cerci Braga.

Actividades estas que irei contar a seguir, mas para isso continue a ler.

2.1. Actividades paralelas – extra protocolo

2.1.1. Dança Cia. ETC: um workshop

A plataforma Mosaico possibilitou-me actividades extras que desenvolvi, até à realização do Santiago.

Deixei-me levar pelo desconhecido e pela sede da curiosidade que estas actividades me transmitiram. Uma das actividades foi a participação como formanda e organizadora no *workshop* de uma companhia de dança contemporânea do Brasil Cia. ETC uma companhia de dança do Brasil que trabalha a dança a nível digital e tem vindo a realizar diversos projectos relacionados com a vídeo dança e áudio dança. Surgiu ainda a oportunidade de poder assistir um dos seus espectáculos e perceber como o trabalho deles chega ao espectador não habitual como as pessoas com necessidades especiais.

Foi uma actividade que teve um impacto em mim de proximidade e de preparação para um público diferente. Resultou num contacto próximo com pessoas diversificadas, mostrou-me que não tem de ser algo pesaroso nem inibido, mas que também pode ser um trabalho divertido e de entajuda, conhecer o outro, saber o que podemos trabalhar com ele, se podemos tocar, se podemos falar ou até nos permitirem estar e ser com eles, conhecer as suas limitações é um trabalho consciente e empático, isto é, colocamo-nos por breves momentos no lugar do outro

mudando a nossa perspectiva sobre a vida e reflectindo nas pequenas coisas e na sua importância, como por exemplo, uma troca de olhar ou um gesto com a mão.

Marcada pela novidade e pelo choque de realidade causado pela experiência, reflecti de como esta me podia ajudar para o Santiago observando que esta actividade foi uma espécie de teste para saber lidar com pessoas com necessidades especiais, de certa forma, foi uma preparação, que me deixou um pouco mais *aliviada* ultrapassando alguns bloqueios e inseguranças.

2.1.2. “Thiana para além do arco íris”: uma leitura encenada

Passo a passo saltei para uma diferente actividade: a realização de uma leitura encenada da história “Thiana para além do Arco Íris”. Estar perante crianças, o meu público alvo, poder utilizar a expressão e adaptá-la conforme os estímulos de quem estava à minha frente, foi uma grande rampa de preparação para os espectáculos do Santiago.

Um ambiente propício convidou-me a uma leitura expressiva, na qual arrisquei, utilizando as minhas técnicas de formação, retirando daquele momento possíveis respostas a possíveis estímulos das crianças.

2.1.3. “À luz no cor-acção”: uma história coreografada

Um outro momento que me proporcionou alguma pré-preparação para o Santiago foi a actividade no lançamento do livro “À luz no cor-acção” em que ajudei na criação da coreografia, e durante o espectáculo contei a coreografia, isto é, contei a história por movimentos e palavras chave à medida que as crianças dançavam. Este exercício permitiu-me olhar para a história de um outro ponto de vista, percebendo que esta tem momentos nos quais eu posso focar de uma forma mais interpretativa e até com uma carga mais emocional.

2.1.4. “My Hands, My Heart”: Vídeo Dança Cerci Braga

Uma das últimas actividades que realizei foi a participação como intérprete e assistente de encenação na vídeo dança com a Cerci Braga, que consistiu numa história coreografada por pessoas com necessidades especiais, em que apenas no final do vídeo o espectador se apercebe que estes são portadores de tais limitações.

A envolvência neste projecto foi de tal maneira profunda que me deixei levar pela emoção de uma nova descoberta e da forma como me adaptei perante algo o que aos meus olhos era tão delicado.

É este sentido de delicadeza que ao mesmo tempo se transformou em fortaleza que quis trazer para o Santiago. Ter a consciência entre o delicado e o forte que descobri em cada um deles, e que passasse e trespassasse a actriz e as personagens, que no meu olhar lhes mostrasse que naquele momento naquela história são acolhidos e entendidos.

Estas actividades foram uma construção de aprendizagens que resultaram, como já referi, numa rampa de preparação para o grande projecto do meu estágio “O Ensino de Santiago”, para além de ter sido um gosto em realizá-las, foram importantes para crescer como pessoa especialmente na fase da minha vida, onde as certezas são escassas, e a fé por vezes desvanecida.

2.2. Formadora de Expressão Dramática, uma experiência

O começo de um novo desafio teve lugar, na associação OMSN, uma outra experiência presente no meu estágio onde retirei aprendizagens e preparações de uma diferente perspectiva. Esta diferente perspectiva aconteceu quando assumi o papel de Formadora de Expressão Dramática - o próprio nome souu-me bem aos ouvidos, mas a tarefa em si, foi uma *verdadeira melodia*.

Tal como diz o título do subcapítulo, esta tarefa foi uma experiência. Assumi esta experiência trabalhando com cerca de onze crianças de diversas idades e de graus de escolaridade diferentes.

Todas as quartas-feiras, durante dois meses, foram realizadas diversas actividades e diversos exercícios sobre o trabalho da narração oral e sobre o trabalho de actor.

2.2.1. As sessões oficiais

A primeira aula foi uma abordagem à oficina, ao trabalho que iríamos realizar, dar a conhecer o que iria ser feito. Realizámos também o aquecimento de voz corpo e dicção, fizemos um exercício de energia - “A bola de energia” -, em que os alunos passam energia que é imaginada com consistência e passam de uns para outros; aquecemos o palato estalando a língua e respirando pelo diafragma. De seguida, li o conto do Santiago e no final fiz questões acerca daquilo que ouviram. Tais como: “Quem é o santiago?” “Uma tenda no quarto?”, “O que é a

cidade das memórias?”, ou ainda observações como “Eu também tenho uma tenda no meu quarto”; “eu já tive, quando era mais pequena, uma amiga imaginária”.

Num segundo contacto, voltámos a relembrar a história do Santiago, realizámos um pequeno aquecimento de corpo aquecendo alguns membros, a “Bola de energia” e o palato. Fizemos um exercício de grupo em que a turma foi dividida em três grupos, em que esses três grupos escolhiam uma história, de seguida, dividiam a história e contavam-na em conjunto assistidos pelos outros grupos. No final, reflectimos todos acerca do exercício e sobre o que podiam ter feito melhor.

O primeiro grupo dos alunos disse que podia ter escolhido uma história melhor e que a podiam ter dividido de forma mais justa por todos os membros. Já o outro grupo de alunos admitiu estar bastante desconcentrado e que não conseguia realizar a tarefa tão bem como o primeiro grupo.

Num outro encontro que realizámos, voltamos a começar com o aquecimento “bola de energia”. O mesmo exercício de grupo da aula anterior, mas desta vez melhorando os alguns aspectos tais como: a voz o corpo e a dicção.

No momento seguinte fizemos o aquecimento e o “jogo da bomba” no qual, em roda, passávamos uma bomba imaginária contando até ao número trinta, e quem ficasse com a bomba na mão ao número trinta explodia de forma dramática. De seguida, realizaram o mesmo exercício de grupo já trabalhado anteriormente, onde escolheram uma história e a dividiram entre si para contá-la, mas desta vez, tendo em atenção, a construção de personagens as suas vozes e também ao espaço onde se passava a acção.

Em mais uma bela tarde de quarta-feira o aquecimento foi fornecido pelos alunos, jogo da bola imaginária com a funcionalidade de trabalhar a imaginação do objecto.

A realização de um exercício em que um conta uma história e o grupo representa-a em mímica, e ainda um jogo teatral “Ladrão policia e beijoqueira” no qual todos os alunos andam por um determinado espaço e previamente três deles são escolhidos um para ser o ladrão que mata, outro para ser o policia que tem de tentar descobrir o ladrão e a última a beijoqueira que salva com um beijo a pessoa que morreu, foi outra das acções desenvolvida.

Este jogo tem como objectivo estimular a atenção e a concentração dos alunos, a interpretação de personagens e ainda desinibir o grupo.

Numa outra tarde chuvosa de outra quarta-feira, a aula foi levada para um plano mais teórico, onde os alunos fizeram colagens de diversas palavras, relacionadas com as técnicas de contador de histórias e de actor.

As palavras respectivas de cada área foram afixadas numa cartolina e colocadas na parede da escola para que os alunos tivessem acesso, para que pudessem ver as várias técnicas usadas em ambos os trabalhos.

Nesta actividade os alunos demonstraram bastante interesse, dizendo as palavras em voz alta, fazendo questões tais como: “Margarida, a palavra concentração posso pôr no contador e no actor?” “O que é trabalho de voz”?

Num penúltimo encontro, começámos por um jogo de apresentação das personagens com voz e corpo. Relembrámos o conto do Santiago, dividindo o conto por personagens e por grupo apresentando uns para os outros, com uma reflexão sobre o que fizeram e o que acharam sobre a actividade.

Durante a reflexão, os alunos tiveram o cuidado de não só reflectir sobre aquilo que viram, mas também sobre aquilo que fizeram, comentando que gostaram de interpretar as personagens e que seria divertido realizar uma peça de teatro com a história do Santiago. O aluno que assumiu o papel de narrador gostou bastante e disse ainda, que precisava de mais silêncio para se concentrar, pois os alunos que estavam fora de cena faziam barulho.

De forma efémera, tal como o tempo, chegou a última oficina: realizámos uma apresentação individual de uma história à escolha dos alunos. Cada aluno leu e interpretou a história e no final de tudo falámos sobre aquilo que faltava, sobre o que estava bem e até aquilo que podiam ter melhorado.

No final da oficina houve uma conversa aberta sobre como foi para eles esta experiência onde ouviram o meu *feedback* e eu o deles.

Após o meu *feedback* de carácter “firme”, no qual ficou assente que eles nem sempre cooperaram e que, por vezes, não foram receptivos ao que lhe era pedido, eles perceberam, justificando que gostam também de fazer jogos e de brincar, e que as minhas aulas encaixavam nessa altura. Continuaram dizendo que gostaram das actividades e de ouvir e contar histórias e que gostaram de mim e gostaram muito dos jogos que realizámos.

2.2.2. O grupo de trabalho

Esta desafiante experiência e todo o trabalho realizado aconteceu devido a um processo de construção de grupo. Quando me refiro a uma construção pretendo transmitir a ideia de que toda a adaptação e todo o envolvimento entre mim e as crianças foi construído passo a passo e momento a momento.

O primeiro contacto que tive com o grupo foi muito antes das oficinas começarem, lembro-me o quão bem-recebida fui por eles e quão bem me senti naquele dia.

Os meninos e meninas d' O Mundo Somos Nós têm a capacidade de nos fazer sentir mais rejuvenescidos, abstraindo-nos do peso adulto que transportamos.

À medida que as aulas foram passando, tive a oportunidade de descobrir um bocadinho mais sobre eles, e eles sobre mim.

O profundo *mergulho* na relação professora/atriz-alunos permitiu-me uma aproximação do grupo completa e de forma observadora, retirando de cada elemento uma característica, que fosse ao encontro da sua personalidade. Da parte deles, de certa forma, também funcionou por observação, e por resposta àquilo que pediam, pois muitas vezes os encontrava nessa posição, de teste e de observação para comigo.

Ao fim de estabelecermos relações e, como se costuma dizer “quebrar o gelo”, fomos criando empatia uns com os outros, criando também uma espécie de hábito, isto é, tanto eu como eles acostumamo-nos com a presença de cada e com a função que cada um exercia, formando assim, respeito mútuo.

Acredito que, com todo o envolvimento e com o à vontade que se foi criando com o passar do tempo, o grupo juntamente comigo criou uma consistência na qual nos apoiámos como estrutura para iniciar novos desafios e até novas amizades.

Posso dizer que este processo ocorreu naturalmente sem forçar laços, tornando as ligações de cada um para comigo muito particulares.

2.2.3. A diversidade e a heterogeneidade do grupo

E de repente algo de novo e curioso aconteceu neste grupo agora construído. Deparei-me com uma grande heterogeneidade (a turma era composta por doze alunos: sete rapazes e cinco raparigas), tanto nas idades como no nível de aprendizagem. O impacto destes dois grandes factores fez-me reavaliar a minha posição e até mudar a minha estratégia.

Quando iniciei esta jornada reparei que dentro da turma existiam diferentes níveis de aprendizagem, e apercebi-me do nível de acompanhamento dos alunos, isto é, durante a realização das actividades, os alunos com menos idade e, portanto, com grau inferior de

escolaridade, demonstravam não saber ler ou então liam com dificuldades e não sabiam certos significados de determinadas palavras, enquanto outros demonstravam mais agilidade na leitura e um maior desempenho nas funções.

Posto isto, fiquei perante um novo desafio que me levou a adaptar as aulas de forma a ficarem perceptíveis para todos. A adaptação passou pelo cuidado ao escolher os exercícios. Estes podiam ser para ler e decorar, mas também acompanhados com o livro onde eu poderia ajudar na leitura. No exercício onde afixámos as palavras na cartolina, eu lia todas as palavras e explicava o seu significado.

As histórias que escolhiam eram sempre do seu imaginário, ou porque já conheciam desde pequenos, ou seja, eram sempre acessíveis para todos os alunos tanto para interpretar as histórias como para contá-las.

De uma forma geral, este foi um desafio do qual me “defendi” arranjando soluções para todos os alunos, de forma a que aqueles com menos grau de escolaridade percebessem as actividades e os alunos com mais escolaridade não ficassem limitados nas funções, permitindo-lhes irem mais longe na realização de alguns exercícios.

2.2.4. Nem tudo é perfeito: Conflitos e Tensões

É certo que *nem tudo é perfeito* e, como um verdadeiro desafio, trouxe consigo alguns conflitos e tensões. Possuímos personalidades e lidamos com as pessoas de maneira diferente. Isto acontece na nossa vida normal, e principalmente com crianças que estão num ambiente onde são livres da “normalidade” que exige a vida e uma escola pública. Têm as suas regras, mas é-lhes permitido a escolha, e é lhes ensinado o sentido de vocação. É apelado ao aluno o seu lado mais humano utilizando não só a razão como também a emoção. Transmite ainda o valor de ser criança e a consciência da responsabilidade que cada um tem de ter.

Eu era uma estranha que cada vez ficou mais entranhada no ambiente deles, pois, de certa forma, foram “invadidos” sempre que lá ia. Talvez tenham sido retirados da zona de conforto o que fez com que, por vezes, tivessem atitudes de resistência, mostrando que não gostavam das minhas oficinas, nem dos meus exercícios. Isto levou a que minha figura como professora que tinha responsabilidades e precisava de cumprir objectivos não nem sempre fosse bem-recebida.

O compromisso comigo mesma de tornar “rentáveis” as aulas e poder cumprir o que tinha planeado para as oficinas ficou cada vez mais difícil. A receptividade por parte dos alunos foi diminuindo e estagnou na vontade de querer brincar. Julgo que os alunos passaram a ver as

minhas aulas como algo banal, e com isso não viam compromisso nem para comigo e nem para com as actividades apresentadas.

A falta da receptividade e de cooperação dos alunos criou-me algum desconforto, tornando-se mais difícil a realização das aulas, quase sempre preocupada em motivá-los. O que eu desejava que fosse um ambiente de adaptação propício ao cumprimento dos objectivos desta tarefa, começou por ser num desafio carregado de tensão e, algumas vezes, de desmotivação. Mas essa tensão foi-se desvanecendo à medida que eu fui percebendo que a resistência por parte dos alunos era mais um jogo de forma a chamar a minha atenção.

Comecei por entender que ali, naquele espaço, não era amiga deles e sim professora com algo a cumprir o que me levou a uma estratégia de “pulso firme”.

Mantive o planeamento das aulas até ao fim, apesar dos alunos não concordarem e se recusarem a fazer alguns dos exercícios. Conversava abertamente com eles sempre que achava que estes estavam distraídos ou não estavam a realizar correctamente a actividade. E não permitia que perturbassem aqueles que estavam presentes, levando-me a tomar atitudes de não deixar o aluno participar caso este perturbasse a aula. Esta decisão foi apoiada inteiramente pelas educadoras e estas mostravam-se sempre acessíveis.

Retirei deste momento grandes aprendizagens como formadora. Este teste a que as crianças me puseram à prova foi uma diferente perspectiva de como eu enquanto actriz e formadora me posicionava perante a resposta de um grupo tão heterogéneo.

A urgência em recorrer a um conjunto de técnicas adquiridas durante a minha formação foi maior e, na minha humilde opinião, bem conseguida, ficando no final tudo esclarecido, mostrando aos alunos que nem sempre fazemos na vida aquilo que mais gostamos e que devemos retirar das experiências que são oferecidas as mais diferentes aprendizagens, mesmo que estas, no momento, aparentemente, não sirvam de muito.

2.2.5. A minha descoberta: uma experiência também de autoconhecimento

Com toda esta *parafernália* de tensões e conflitos, vi-me num papel distante à minha verdadeira função de actriz.

Assumi uma posição de autoridade e deparei-me com a dúvida e até a insegurança de não saber o que fazer. Após me ter deparado em tal situação, o pensamento de estar a desempenhar bem ou mal a minha função surgiu inúmeras vezes.

Certo dia, senti que esta experiência de formadora/professor/figura de autoridade transformou-me quase numa outra pessoa, senti uma responsabilidade desconfortável à minha essência, talvez não goste muito da ideia de me ver numa situação de “poder”, ou então não

saiba o que fazer para obter uma imagem de respeito, mas a verdade é que (honestamente) não gostei de estar numa posição de autoridade e acho que, porque a utilizei, que acabei por não gostar.

Porém, acabei por utilizar esse “poder” em meu favor, isto é, peguei na autoridade que possuía enquanto formadora e mudei a minha atitude ficando mais firme, mas de forma a que os alunos não tivessem medo e vissem em mim uma figura consciente e responsável por eles e pelo o trabalho exercido.

Ultrapassar este momento nesta experiência permitiu-me algum autoconhecimento. Foi reconhecer-me numa diferente situação e para além de ter sido bastante gratificante profissionalmente, também foi bastante enriquecedor pessoalmente porque tive a oportunidade de me observar e reflectir como fui/sou ou seria, em determinada posição com determinada responsabilidade e autoridade.

Julgo que a minha perspectiva de actriz ajudou-me com esta ideia da autoridade e da descoberta com o jogo dos alunos. O trabalho de actor pode, de certa forma, ser visto como um jogo, desde as personagens até à parte técnica que envolve o trabalho. Logo, possibilitou-me bastante traquejo em entender o propósito dos alunos e o que estes pretendiam.

A formação adquirida ao longo do tempo na minha área foi ali exposta, para entender diversas dificuldades, ajudando-me a utilizar a autoridade como ferramenta para ultrapassar algo que me deixava desconfortável.

2.2.6. Arriscando com o texto: experimentação do texto como base exploratória

Num primeiro contacto o grupo, iríamos trabalhar a história “Iara na floresta do mundo dos contrários”, mas por uma questão de opção por parte das crianças, foi alterado para “O Ensino de Santiago”, o que foi uma forma de me ajudar a explorar o conto, para os espectáculos.

Este contacto com o grupo e com o conto do Santiago foi uma base exploratória para os espectáculos. Aconteceu nesta fase uma espécie de apresentação entre mim e o conto, em que, numa primeira leitura para as crianças, fiquei a entender possíveis estímulos. A primeira leitura em voz alta para alguém foi, sem dúvida, essencial e bastante preparatória no sentido em que pude observar a receptividade das crianças à leitura.

No final da leitura, ouvi as opiniões dos alunos acerca daquilo que ouviram e registei perguntas das quais não estava à espera, tais como: “Santiago, porquê Santiago”? “Ela é que construiu a tenda no quarto dela”? “O que é uma cidade das memórias?”.

Perante aquelas perguntas parei no tempo, como se também eu estivesse à procura das respostas e, na verdade, estava. A minha apatia de momento significava desconexão do texto, apesar de o já ter lido para mim mesma, não o conhecia.

De seguida fez-se um “click”, como nos filmes. Comecei por responder apenas àquilo que sabia e também por resposta ao que o texto me deu no momento, sabia que estava também eu a conhecer e a conectar-me com o texto.

A curiosidade espontânea das crianças, tendo sido impactante, ajudou-me a despertar possíveis improvisações em resposta aos seus estímulos, usando o material do texto como resposta ou pergunta resposta.

Após concluir a leitura, reflecti sobre o quão difícil foi que a mensagem da história chegasse clara às crianças, isto porque a linguagem estava demasiado *adulta* e de difícil compreensão para um público infantil. Deste modo, alterei determinadas frases e palavras tornando-as assim de mais fácil acesso às crianças, não perdendo o sentido do texto e cortando barreiras comunicativas entre mim (adulta) e um público de crianças.

2.2.7. Cada experiência, uma aprendizagem

Chegando ao fim de uma longa e desafiante caminhada pel’ O Mundo Somos Nós retiro dois caminhos: um de dificuldades e outro de alegrias.

O caminho com maiores dificuldades foi a falta de cooperação e receptividade dos alunos, que levou a momentos de desmotivação da minha parte, ficando mais insegura sobre a realização dos meus objectivos. Ainda no caminho negativo, o facto de não saber lidar com a autoridade e não conseguir transmiti-la desde o início.

O caminho de alegrias foi ter conseguido ultrapassar de forma responsável os meus obstáculos, concluindo a tarefa até ao final, e ter marcado com carinho e amizade alguns alunos, apesar de ter falado abertamente com eles no final acerca do comportamento deles.

Esta relação obrigou-me a conhecer-me melhor como actriz, ganhando mais traquejo profissional, e até a crescer como pessoa.

A minha resposta a diversos estímulos desenvolveu a minha capacidade de gerir conflitos e tensões e simultaneamente, gerir uma autoridade sem ser autoritária.

Concluo desta experiência, agora distante de tudo isto que passou, que ensinar é uma arte e é preciso saber manuseá-la, mas até mesmo quando ensinamos estamos simultaneamente num processo de aprendizagem e de recolha constante, tornando-se uma experiência bastante gratificante e enriquecedora.

2.3. “O Ensino de Santiago”

A certa altura obtive conhecimento do texto e do seu conceito através da Ana Caridade, autora do conto e co-orientadora do estágio. Identifiquei-me de imediato com a história e com a ideia por trás.

Santiago surgiu da necessidade de falar abertamente da questão emocional que os adultos muitas vezes insistem em negar. Tal negação é transmitida às crianças, seres especiais dotados de inocência e amor, que a autora quis focar.

Caracterizadas por uma grande sensibilidade, as crianças são o futuro de uma sociedade e, neste sentido, a autora pretende que nós (adultos) como pais e educadores possamos transmitir o pensamento de que devemos e podemos lidar com as nossas emoções, sendo possível falar abertamente com as crianças acerca destas, e que tanto as más como as boas emoções fazem parte e são necessárias ao desenvolvimento da criança.

A autora neste conceito fala também sobre a exploração e naturalidade do amigo imaginário, que pode ajudar as crianças a desenvolver o lado emocional, permitindo-as ao mesmo tempo ser genuínas, libertando-as de quaisquer estigmas que possam sentir ao usar o seu imaginário.

Um outro objectivo dentro deste conceito foi levar o espectáculo Santiago a todos, inclusive a crianças com necessidades especiais, tornando-se assim um projecto artístico inclusivo.

Este projecto pretendia também ter a vertente educativa, levando esta história (online) às escolas de forma a trabalhá-lo em contexto de sala de aula.

A ideia era que nas escolas a questão das emoções fosse transmitida abertamente, para que a mensagem chegasse a todas as crianças, pelo que foi criada então, uma associação de cores às emoções. Esta associação facilitou todo este processo, ajudando as crianças a entenderem a emoções fazendo a ligação com determinada cor.

2.3.1. Uma amizade com o texto: a minha aproximação às palavras da história

Chegou o momento em que pela primeira vez, vi, li e senti o texto.

Querido leitor, para que fique a conhecer um pouco da história aqui está um breve resumo.

(...)

Ana João, que tem uma tenda no seu quarto, na qual guarda dentro uma cidade de memórias. Após algumas aventuras e desaventuras, Ana João conhece um menino com o nome de Santiago. Santiago tem uma missão: ajudar a Ana João a colocar as suas memórias na casa da cor respectiva à emoção. Após finalizar a sua missão, ele passa a pertencer a todas as crianças, podendo ser ou não Santiago.

Ana João possui uma tenda dentro do quarto, onde tinha uma almofada com uma borboleta. Certo dia, Ana João construiu uma cidade com caixas de origami como a professora lhe ensinou, construiu uma perta, uma cinzenta, uma vermelha, uma verde, uma cor-de-rosa, uma azul e outra roxa.

Ela gostava muito de escrever, escrevia muito e todos os dias no seu bloco de folhas azuis cor de céu acima das nuvens. Lá contava as aventuras que vivia, os medos que tinha a raiva que tinha quando alguém lhe fazia mal e a culpa que senti quando fazia alguém chorar.

Era sexta-feira, o último dia antes do fim de semana, e Ana João sentiu o seu coração quente, muito quente, e grande, tão grande, tão grande que parecia não caber no seu peito. Tum tum tum tum tum tum tum...

(excerto da história “O Ensino de Santiago”, da autoria de Ana Caridade)

Num primeiro contacto, o texto trouxe-me sensações tais como: a alegria e a saudade de ser criança. Alegro-me por ser uma história cheia de magia, para qual fui transportada para um universo nostálgico com muita saudade.

Se o tempo voltasse atrás sempre que quiséssemos, talvez não existisse espaço para sentirmos saudade, mas como o tempo não volta para trás, resta-nos a nós voltar atrás no tempo. E foi exactamente o que aconteceu comigo quando estava a ler o texto pela primeira vez, aquela sensação de que, por momentos, era criança e estava no meu quarto, rodeada pelos meus brinquedos.

Esta saudade surge também porque o conto é sobre uma menina que fala e tem aventuras com o amigo imaginário. Isto levou-me a memórias de quando era criança e falava com a minha amiga imaginária. Todo aquele secretismo em volta de algo que me era muito íntimo veio à tona... por momentos, senti a adrenalina e o entusiasmo de ser criança e ter um segredo.

Há muito tempo atrás, eu era uma criança que brincava bastante sozinha e isso exigia uma grande criatividade da minha parte, deste modo, eu tinha a minha amiga imaginária. A Lila não tinha uma cara estruturada, mas era loira, de olhos azuis e muito simpática, alegrava-me dando-me presentes e brincando às vendedoras e às estrangeiras que tinham filhos e iam à praia.

A minha aproximação com o texto passou pela envolvimento que tive de imediato com a personagem Ana João e todas as circunstâncias que rodeavam a sua infância, logo levou-me a uma aproximação mais profunda ao texto.

Num determinado momento da história, Ana João, durante os intervalos das aulas, brinca com as amigas à corda, ao lencinho e à macaca. Este é o momento em que o intervalo se transforma em pura felicidade e recordo os belos tempos em que também eu brincava livre de responsabilidades no recreio.

Ao ler este e outros momentos do texto relembro os tempos de brincadeira e dos jogos, pois também fizeram parte da minha infância e mostraram como é bom ser criança, ter amigos e brincar como se não houvesse amanhã. Em outros tempos, para mim, tal como para Ana João a “escola era um local feliz”.

Toda esta envolvimento tornou-me cada vez mais próxima do texto, passando a conhecê-lo de forma mais profunda, o que facilitou a sua exploração como atriz.

Esta primeira aproximação ao texto foi como ficar a conhecê-lo pela primeira vez e poder *mergulhar* na história livre e de forma a retirar as melhores aprendizagens e dicas do texto.

2.3.2. O mergulho na história: a apropriação da história

A história “Ensino de Santiago” foi chegando de mansinho até ficar agarrada ao meu coração.

Aconteceu então, uma apropriação do texto. Aos poucos fui *abraçando* a história de forma a torná-la parte de mim, isto é, vê-la de uma maneira mais familiar, onde houvesse uma conexão natural e não forçada. Era importante ver e conhecer a história, para que, mais tarde, não houvesse barreiras que impedissem uma comunicação fluida entre mim, o texto e o público.

Este é um texto escrito por outra pessoa, deste modo tive o cuidado e o respeito em adaptar-me, isto é, manter-me fiel ao seu sentido tendo sempre o cuidado de não alterar nada que mudasse o seu sentido, apenas retocando aquilo que achasse necessário.

Para que este processo de apropriação ocorresse de forma mais natural possível, recorri a técnicas que adquiri durante a minha formação tais como: dividir a história por momentos, em um dois e três de forma a ter uma maior noção da história e das personagens; criar imagens de cada momento da história; escolher sítios semelhantes ao do conto imaginando uma das personagens e assumir o seu lugar, tarefa, e até o seu olhar sobre o espaço.

Marcar palavras que acho importante fazendo ligação com o que vem a seguir é uma forma muito própria que tenho para ajudar a memorizar o conto que consiste em decorar a palavra anterior de cada frase, deste modo, decoro mais rapidamente, assim como desenhar a história por momentos chave, com um som, ou um gesto ou até uma imagem que esteja bem definida na minha mente.

Riscar e dar cor a algo que estava apenas em plano mental deu-me outra perspectiva da história. As imagens ficaram mais claras, visualizando possíveis estratégias de cena para os espectáculos.

À medida que ia lendo o texto nos ensaios para os meninos d' O Mundo Somos Nós e em casa, fui-me apercebendo que a linguagem do texto estava demasiado “adulta”, ou seja, determinadas frases e palavras carregavam uma natureza tão complexa que não permitiam que a mensagem chegasse de forma clara e natural à criança.

Do meu ponto de vista, a linguagem para crianças do primeiro ao quarto ano tem de ser clara e objectiva. Claro que, com isto, não digo que a história não esteja bem escrita, até porque a questão aqui não é a história em si mesma, mas sim a forma como esta é transmitida às crianças. Deste modo, comecei por transformar alguns desses momentos mais complexos em fáceis interpretações.

Essa transformação passa pelo seguinte: descobrir durante a leitura quais os momentos com linguagem menos adaptada, sublinhar esses momentos e começar a “substituí-los” e como disse acima sem perder o sentido da mensagem inscrita nas palavras.

Certas palavras como, por exemplo “extraordinária” passaram a “fantástica”; “cenário” para “lugar” e frases como por exemplo “As lágrimas abraçaram as bochechas trémulas de emoção” passou para “As lágrimas caíram de tanta emoção”; “Nesse silêncio abria a possibilidade de poder ser... ser sem qualquer julgamento” passou para “Nesse silêncio ela podia ser... ser ela mesma sem qualquer medo”.

No fundo a ideia é tornar a linguagem mais simples para a os ouvintes e até mesmo para mim como contadora/actriz.

Penso que, de certa forma, esta questão da linguagem simples vai bastante ao encontro da apropriação do texto. Neste sentido, acho que assim que adapto uma frase, ou uma palavra, para que a mensagem seja transmitida com maior clareza, há uma apropriação de algo que no fundo não é meu, mas que naquele momento torna-se mais “meu” e me toca de maneira diferente pois foi transformado por mim mediante as experiências e as necessidades em ler o texto em voz alta.

Sabemos que um texto soa diferente ao ser escrito e ao lido em voz alta. Posto isto, a forma de comunica-lo irá ser também diferente, o que exige da minha parte, uma maior aplicação das técnicas adquiridas durante a minha formação tais como: projecção da voz que consiste em colocar correctamente a voz para que esta saia limpa e torne a história mais fácil de ser percebida; a dicção, que consiste em pronunciar o melhor possível as palavras para que nenhuma passe despercebida; a posição corporal - escolher uma posição em pé ou sentada onde os movimentos devem ser suaves para que não haja distrações para os ouvintes e estes se foquem na história.

Um texto, ao ser dito, tem de estar implícito a entoação das palavras, as pausas, os ritmos, a emoção e a verdade.

Já um texto lido individualmente, apesar de também precisar de entoação e respeitar as pausas, é algo mais íntimo, ou seja, não está exposto com o propósito de passar uma mensagem como é o caso de um texto dito. A questão passa por “dar sentido” ao que lemos, às palavras.

Contudo, posso chegar à conclusão que me transformei numa possível *co-autora* pois, ao aplicar as minhas técnicas, as minhas emoções e verdade no que disse, modifiquei o texto mediante o sentido e força que este necessitava, deste modo, tornei-me *co-autora* de um texto do qual me fui apropriando aos poucos.

Após a uma breve análise da obra “Psicanálise dos contos de fadas” de Bruno Bettelheim (2008) entendi que há possíveis cruzamentos nesta questão da apropriação do texto, nomeadamente na passagem da mensagem através da linguagem ligadas ao imaginário da criança.

(...) para que a história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajuda-la a desenvolver o seu intelecto e a esclarecer as suas emoções. (Bettelheim, 2008, p.11)

(...) procedendo assim, a criança acomoda o conteúdo inconsciente a fantasias conscientes, que então lhe permitem lidar com esse conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor ímpar, porque oferecem à imaginação da criança novas dimensões que seria impossível ela descobrir só por si. “(Bettelheim, 2008, p.14)

Foi nesta linha de Bettelheim que fiquei a entender a história e a sua apropriação e o seu impacto nas crianças. A consciência de que todo o seu imaginário deve ser estimulado, levou-me a tomar em consideração o que esta estimulação pode provocar e pode oferecer às crianças, deste modo, reforço a importância de uma boa apropriação da história e da clareza da mensagem

às crianças, agarrando a sua atenção por completo, para que estas possam desenvolver o intelecto e esclarecer as emoções.

Tal como diz o ditado, “Quem conta um conto, acrescenta um ponto”, e foi neste sentido que me apropriei deste texto, em que cada adaptação do texto e cada alteração foram realizadas de forma a facilitar o acto de contar.

2.3.3. Outras vidas: a construção das personagens

Se chegou até aqui, então deve mesmo ler este ponto, e ficar a conhecer um pouco mais sobre o meu processo na construção de personagens.

Chegou o momento em que vesti uma outra vida, uma outra voz e um outro corpo. Este foi o momento em que, com base na minha formação e com aquilo que o texto e a história me davam construí um conjunto de três personagens.

Aconteceu então uma multiplicidade de personagens no qual eu actriz, Margarida me apresentava como narradora, Ana João e Santiago.

Este processo caracterizou-se pela diversidade de personagens que ocorreu durante ensaios e nos próprios espectáculos.

Ora de texto na mão, ora com ele riscado, ou com ele na cabeça, foram assim muitos dos ensaios. Ensaiei determinadamente marcações, entoações e expressões. Entendia quais a momentos chave de interacção com as crianças, e a tentativa de mostrar ao público o invisível, a noção de quando era narradora e me transformava em personagem, e ainda o cuidado em marcar cada personagem. Isto fez com que este trabalho se tornasse um processo de grande realização profissional e pessoal.

Considero um privilégio poder incorporar uma personagem. Poder vestir, nem que seja por alguns segundos, uma pele diferente da nossa, poder viver uma história diferente da nossa. É como conhecer uma realidade paralela em que somos nós mesmo, mas com nomes, hábitos, vontades e vivências diferentes.

À medida que os ensaios foram acontecendo no meio das marcações e de um texto carregado de pormenores, vi a necessidade de acontecer uma fragmentação de mim mesma, como se de repente eu me dividisse em partes e existisse não só a narradora como também as personagens que davam ânimo à história. Deste modo, dividi-me em três personagens, a busca de cada uma delas ocorreu durante os ensaios e de certa forma fui *mergulhando* mais durante os espectáculos.

Esta busca constante de algo exterior a mim, passou pela descoberta de uma nova voz, de um novo corpo e gestos que caracterizassem as personagens tornando-as únicas e genuínas capazes de se diferenciarem umas das outras, criando assim uma identidade própria.

O papel que foi, de certa forma, o mais óbvio a descobrir foi a de narradora, a sua descoberta foi algo natural assim que comecei a contar a história. A narradora estava sempre em cena, diferenciava-se pela voz que no caso era a minha, mas ligeiramente mais doce. Destacava-se pelo narrar da história e por ter o poder de sair da história e voltar a narra-la as vezes que fossem necessárias.

Ana João era uma menina com cerca de sete anos, com uma história que fazia reviver a minha infância. Na verdade, foi uma *delícia* poder descobri-la, e então comecei a imaginá-la como uma criança criativa, livre, alegre, triste e até um pouco chorona.

Ao obter este retrato de Ana João ficou mais claro para mim interpretá-la, destaquei-a pela alegria de criança e um certo mimo de menina pedindo atenção. Caracterizada por uma personagem de altos e baixos níveis de emoção, carreguei a leveza de uma criança e o peso desta quando se sente triste e sozinha não sabendo lidar com as suas memórias e emoções.

A sensação de ser criança e guardar um segredo ajudou-me a construir uma imagem da Ana João, muitas vezes determinada e outras vezes indecisa. Transporte-me para um universo imaginário de cariz lúdico onde muitas vezes mergulhava nos jogos e brincadeiras com a energia que só uma criança possui.

A última personagem, mas não menos importante, foi a descoberta do Santiago. Durante um dos ensaios no qual esta personagem não estava bem definida, comecei por reflectir qual seria a imagem de um amigo imaginário, ou melhor, qual seria a imagem daquele amigo imaginário, o Santiago. Após várias tentativas de vozes, gestos e corpos diferentes, cheguei à imagem de um duende que vive na floresta e que pertence ao povo. Esta ideia surgiu da companhia e técnica de som da equipa Mosaico, cujo ponto de vista exterior ao meu, me deu imagens para libertar as mais variadas ideias da minha mente.

A imagem do duende *caiu-me* no imaginário como se fosse um episódio de desenhos animados. Com estas imagens comecei a acrescentar ao Santiago uma voz de miúdo com características traquinas, acrescentei também gestos repetidos e de segredo piscando os olhos e fazendo “Shhhhh...” “

Santiago possuía a energia e a vivacidade de uma criança feliz e saudável. Apresentava uma maturidade que Ana João não tinha, deste modo, Santiago tinha o instinto de amigo protector e de ensinar a sua amiga a lidar com as emoções e as memórias. Foi nesta linha que

me inspirei para ser o Santiago, para além de todas as diferenças físicas e vocais, ele tinha a magia e a graça de um ser diferente e característico.

As personagens diferenciavam-se não pelo físico, mas por aquilo que representavam na história, pela personalidade que foram ganhando interagindo umas com as outras.

O imaginário a que história me transportou, o peso do figurino dos adereços e do cenário, ajudou-me durante os espectáculos a aperfeiçoar cada vez mais as personagens e a deixar-me levar pela dinâmica existente entre elas e o público.

No fundo, esta construção transformou-se num jogo muito rápido, onde me transformava saltando de forma dinâmica de uma personagem para outra, tentando sempre ter a consciência de marcar cada uma delas com a sua característica e a sua verdade.

Dentro da dinâmica das personagens surge um relacionamento entre elas criando laços de comunicação através do diálogo. A questão do diálogo entre o narrador e as personagens exigiu da minha parte um nível de concentração e de energia elevado, isto porque, eu como actriz interpretava os três papéis. Para que a passagem entre as personagens ocorresse de forma limpa e para que a comunicação entre elas fluísse, apostei na concentração onde fiz um esforço para entender o momento de passagem, o lugar e interpretação da personagem. Neste momento estava concentrada nessas três etapas e na energia que cada personagem possuía e como tal na minha energia em palco.

Interpretar três personagens dialogando umas com as outras, criou em mim uma necessidade de foco, isto é, a consciência da personalidade de cada personagem e o que esta trazia para a história.

Sinto que este foi um momento alto para mim como actriz: permitiu-me uma grande aprendizagem de aplicação das minhas técnicas na construção de personagens, estimei a minha mente à procura da história e o que motivava cada personagem e aumentei a minha dinâmica em palco durante a transformação de cada uma delas.

Durante este processo de construção de personagens, posso dizer que, por alguns momentos voltei ao passado universitário, onde revi algumas referências adquiridas na licenciatura e ainda no primeiro ano de mestrado.

Referências como aulas especializadas na construção da personagem em que o objectivo era escolher uma palavra caracterizando a personagem e criá-la dando-lhe um corpo, uma acção e até uma personalidade. E ainda o último espectáculo que realizei no primeiro ano de mestrado – PUNR -, que fala sobre a construção de uma nova realidade, onde através da ironia, da propaganda política e do grotesco se questiona o público, através de participações activas, sobre qual a sua realidade, e até que ponto este se abstém do que está à sua volta.

Qual a realidade de cada um?! Distorcida daquilo que pensamos ser a realidade ou de revolta para com o mundo?!... Com o “PUNR” a descoberta da personagem aconteceu de forma profunda. Neste processo experimentamos possíveis personagens baseadas em características de personagens históricas, transpondo-as para um universo contemporâneo.

Com isto a minha personagem ganhou dimensões clownescas, sendo para mim um gosto enorme interpretá-la com todos os seus tiques, gestos de uma personalidade envolvente.

E como deve imaginar, eu com um sorriso de orelha a orelha digo que esta experiência me fez sentir uma actriz completa, no sentido em que atingi níveis de exigência profissional os quais pensei não ter e também a sensação de missão cumprida patente no meu coração e através do feedback do público. (fotos 1-3)



Foto 1- Espectáculo em Arco de Baúlhe - Narradora



Foto 2- Espectáculo em Arco de Baúlhe – Personagem- Santiago



Foto 3- Espectáculo em Braga – Personagem- Ana João

2.3.4. Os parceiros desta jornada: a equipa

Se caso o leitor se está a perguntar se isto foi construindo em parceria com alguém, pois a resposta está a seguir, basta só continuar a ler.

O projecto Santiago foi articulado com uma equipa de Teatro em Cabeceiras de Basto, parceiros do projecto e responsável pela encenação, figurinos e cenário. (fotos 4-6).



Foto 4- Reuniões equipa de Cabeceiras de Basto + Mosaico



Foto 5- Reuniões equipa de Cabeceiras de Basto + Mosaico



Foto 6- Reuniões equipa de Cabeceiras de Basto + Mosaico

a) Conhecê-los um pouco mais: apresentação da equipa

Passo agora dar a conhecer a Equipa do Centro de Teatro de Cabeceiras de Bastos. Esta equipa formou-se no Centro de Criatividade da Póvoa de Lanhoso. Quando este finalizou as actividades, alguns dos membros que constituíam o grupo passaram para Cabeceiras formando o CTCMCB – Centro de Teatro da Câmara municipal de Cabeceiras de Basto.

A equipa é constituída por quatro elementos: Roberto Moreira, actor, encenador e dramaturgo; Neto Portela, actor, encenador e dramaturgo; Joana Veloso, figurinista, cenógrafa e produtora; e Maria Borges, actriz e encenadora.

Todos os elementos de uma forma geral trabalham em conjunto, fazendo um pouco de tudo, deste modo, passam por todo o processo de construção dos espectáculos. Cada elemento da equipa é dotado de uma energia inacabável estando em constante criação. Realizam um trabalho de comunidade, em comunidade e para a comunidade. Espalham pela pequena vila um trabalho de seis anos inspirado em diversos temas, organizando todas as festividades de Cabeceiras de Basto.

Para além destes elementos, participa a plataforma Mosaico como promotora e criadora do projecto, constituída pela professora Ana Caridade, com um vasto trabalho em Narração Oral, em trabalhos de inclusão artística e educativa e ainda Terapeuta; Andreea Cristina, licenciada em artes, com várias formações musicais e com a função de compositora musical e técnica de som; e eu, Margarida Silva, licenciada em Teatro e Arte performativas a realizar o segundo ano do Mestrado em Artes Cénicas com a função de estágio na área de interpretação.

b) Laços criados: a relação com a equipa

Para que um projecto obtenha bons resultados é necessária uma base sólida de trabalho. Esta base passa por uma equipa com boas ligações e com uma boa estrutura. De forma a que o trabalho em equipa funcione é necessária uma boa relação com as pessoas. Neste aspecto posso dizer que o universo *conspirou* a favor do Mosaico, pois tivemos a oportunidade de voltar a trabalhar com o Centro de Teatro de Cabeceiras de Basto. E quando me refiro ao “voltar”, é porque tanto a minha co-orientadora como eu conhecemos o Centro de Teatro de Cabeceiras e as pessoas que o constituem de outras andanças pelo o universo do Teatro. Andanças estas que nos ligaram até hoje, formando amizades de trabalho sólidas.

Posso descrever a nossa relação com a equipa de Cabeceiras como uma relação aberta, firme, profissional e até divertida. Caracterizo esta relação como aberta, pois desde o início da proposta do Santiago mostraram-se todos muito disponíveis e com bastantes ideias para que o

projecto crescesse. Abertura também no sentido em que estamos à vontade para expor as nossas alegrias e dificuldades como equipa e tentar também em equipa, usá-las como instrumentos de trabalho. A abertura de cada elemento da equipa foi essencial para elevar o trabalho a outro nível, apostando em novas ideias, desafios e objectivos para o projecto.

Cada elemento, com a sua originalidade e função dava ideias e ajudavam-me a ir sempre mais longe com o Santiago arriscando e experimentando mais e mais.

E como as boas relações trazem alegrias, esta não poderia ser diferente. Apesar do carácter de trabalho houve sempre momentos para boas gargalhadas que conduziram a uma forma de trabalho mais leve, desinibida de todos e quaisquer bloqueios que poderiam ter surgido.

Posto isto, e agora da perspectiva da Mosaico como plataforma e equipa em construção não poderíamos ficar mais gratos e satisfeitos com a relação e ligação criada com a equipa de Cabeceiras.

Respondemos ao “abraço caloroso” da equipa de Cabeceiras de forma simpática e com respeito pelas suas opiniões, pelas datas dos outros trabalhos, tentando sempre adaptar-nos ao ritmo da equipa, mostrando-lhes sempre que o Santiago seria um trabalho em construção colectiva e que estaríamos acessíveis e abertos a todo o tipo de trabalho desde a construção de cenários até à questão do texto.

As palavras de agradecimento e respeito percorreram os nossos corações durante todo o processo. Foi numa base de respeito mutuo pelo trabalho de cada um e gratificação pelo apoio de uns para outros que esta relação se desenvolveu e fixou formando raízes de amizades, de cooperação e de compromisso.

c) Mãos ao trabalho: as residências em Cabeceiras de Basto

O trabalho em equipa com os parceiros de Cabeceiras de Basto obrigou-me a uma deslocação às instalações de Cabeceiras, estas deslocações aconteceram espaçadas umas das outras. A primeira visita aconteceu de seis a oito de novembro de 2017.

Neste primeiro contacto com a equipa e com possíveis ideias para o projecto Santiago, realizámos diversas reuniões onde expusemos o conceito do projecto e onde entraria o CTCMCB como parceiro.

Durante a residência, eu e os restantes membros da plataforma Mosaico ficámos muito bem hospedados no centro hípico (espaço de inspiração para construção história), onde vive um

dos elementos da equipa. Maravilhada pela beleza e conforto que o centro hípico nos proporcionava, começámos por uma primeira abordagem ao conto.

Esta abordagem passou por trabalhar a história individualmente e dividi-la por momentos – 1º momento: A dança das folhas e a envolvência da personagem com a natureza; 2º momento: o coração fica quente e sente uma nova emoção; 3º momento: momento de segredo e a primeira aparição da cidade das memórias assim como respectivos adereços; 4º momento: jogos e brincadeiras; 5º momento: surgimento do Santiago; 6º momento: momento do parque, arrumação das memórias na cidade, fim.

No centro hípico tive a oportunidade de explorar a natureza caminhando pela relva, tocando nas árvores e imaginando os diversos momentos do conto. Tive a oportunidade de trabalhar directamente com espaços ligados à história de uma forma real e espontânea.

Em Cabeceiras senti que estava no lugar certo e que aquele seria um primeiro momento de um grande trabalho. Necessitava desta primeira abordagem para que pudesse focar, tendo a certeza que este seria o início do meu caminho no estágio.

Conheci também alguns possíveis materiais que poderiam ser usados na construção da cidade das memórias, e dei a conhecer a história ao Roberto e ao Neto, os encenadores que me acompanharam nas marcações e interpretação do texto. Neste ensaio, apenas li o texto em voz alta, ouviram-me e começaram por dar possíveis ideias de interpretação e explorámos cada momento do texto, para que eu entendesse por completo a sua riqueza.

O primeiro contacto com a equipa de Cabeceiras foi bastante produtivo e gratificante ficando mais à vontade coma aquela que seria uma companheira nesta jornada.

A segunda visita foi em janeiro do dia 22 ao dia 25. Nesta residência trabalhei o conto do Santiago de forma mais profunda. Durante este momento, experienciei e explorei as diversas formas do conto, desde a parte corporal à vocal. Trabalhei juntamente com os encenadores a nível interpretativo, através de ferramentas teatrais -Voz, Respiração, Corpo, entoação de texto -, relacionando estas técnicas com as possíveis personagens, com a história e ainda com possíveis interacções para com o público.

Reunimos e conversámos sobre as diversas possibilidades do circuito da cidade das memórias. Este circuito consiste na ideia original de transpor a cidade das memórias de Ana João para um plano real, ou seja, transformar a cidade das memórias acessível a todos e principalmente que as pessoas possam ver e sentir a ideia de guardar cada memória e cada emoção em pequenas casas que mostram cada emoção que sentimos.

Sobre a construção do cenário: começámos por lixar o material escolhido para trabalhar que foi *roofmate*, pintei, recortei diversas formas que faziam parte do *design* das casas. Este trabalho foi orientado pelo membro da equipa e cenógrafa Joana e pela ilustradora Solange Matos que aparece neste projecto como colaboradora externa.

Num segundo momento, trabalhei sobre o conto com os encenadores Roberto e Neto. No ensaio comecei por fazer uma primeira leitura em voz alta e de seguida ouvi diversas críticas construtivas, para aplicá-las nas seguintes leituras. Através dessas leituras fiquei com a necessidade de decorar o texto. Esta necessidade levou-me a reformular alguns conceitos relacionados com a história em si e com o meu trabalho de actriz.

Esta reformulação consistiu em possíveis ideias de marcação ligadas à palavra, uma maior utilização dos adereços e como estes me poderiam ajudar para memorizar determinados momentos da história; trabalho de corpo coreografado nos jogos e nas brincadeiras; criar algo que não denuncie os jogos em texto, mas sim uma ideia de brincadeira. Com isto ganhei a possibilidade de entrar e sair da história, ou seja, incorporar a personagem e voltar ao relato da história como narradora.

Como resultado dos dois ensaios intensivos, a confiança no texto e em mim mesma foi aumentando, ficando os momentos da história bem marcados e a vontade de transmitir a mensagem da história maior.

Esta segunda semana em Cabeceiras foi bastante positiva com todos os ensaios e observando a construção do cenário. Fazer parte e assistir a toda a construção permitiu-me ganhar novas forças e uma nova motivação para continuar com o Santiago e fazer dele um trabalho memorável tanto para mim mesma como para todas as crianças que iriam assistir.

A última semana em Cabeceiras foi de dois a seis de Abril.

Os últimos preparativos realizaram-se durante esta semana: acabámos a construção das casas da cidade das memórias, experimentámos o figurino, finalizámos os adereços e ensaiei o texto do Santiago já com o texto decorado e com todas as marcações. Estes ensaios serviram para definir as personagens e acertar algumas questões ligadas ao texto à sua interpretação (fotos 10-12).

Nesta semana também trabalhei o som com a pessoa responsável e reunimos para poder expor novas ideias e ver aquilo que faltava para as semanas dos espectáculos.

Uma semana rica em trabalho passando por todo o processo, desde a pintura das casas, à criação de uma das casas, todos os detalhes da casa do medo (cinzenta) foram realizados por mim. Os restantes membros da equipa trabalharam outras casas e todos nos ajudámos uns aos

outros. Os adereços foram também desenvolvidos em colectivo sob a orientação da cenógrafa e da ilustradora (fotos 7-9).

No final, de corpo cansado e coração cheio, o Santiago estava pronto para tocar corações.



Foto 7- Construção de cenários em Cabeceiras de Basto



Foto 8- construção de cenários em Cabeceiras de Basto



Foto 9- Construção de cenários em Cabeceiras de Basto



Foto 10- ensaios em Cabeceiras de Basto



Foto 11- ensaios em Cabeceiras de Basto



Foto 12- ensaios em Cabeceiras de Basto

2.3.5. Santiago salta do papel: as apresentações públicas

Se continua a ler, prepare-se, chegou a hora em que todo o segredo é desvendado e no qual o Santiago é partilhado.

E de repente, o nervosismo, o medo e a ansiedade chegaram e foi a vez de todo o trabalho realizado ser partilhado com todos (fotos 13-14). Chegaram as apresentações públicas, mas antes de enfrentar as semanas seguidas de público infantil, realizei um pré-teste do Santiago sem cenário e sem adereços apenas eu e a história



Foto 13- Apresentação Pública- Arco de Baúlhe.



Foto 14- Apresentação Pública- Braga.

a) Uma primeira experiência: Pré-Teste na Póvoa da Lanhoso

No dia 22 de março realizei um primeiro teste em contar a história do Santiago (fotos 15-16).

Esta primeira experiência teve lugar na biblioteca da Escola Básica António Lopes da Póvoa de Lanhoso, o público alvo foram crianças do terceiro ano de escolaridade de duas turmas. Tal como o propósito do teste, retirei aprendizagens e pude ver o que tinha de melhorar e a aquilo que faltou.

As aprendizagens ou até reflexões passaram através do público; do texto; e do meu próprio foco que neste caso foi o texto, os estímulos das crianças e as minhas respostas a esses mesmos estímulos.

Durante o teste, obtive uma relação com o público surpreendente, isto é, a necessidade de transmitir a mensagem da história fez com que o meu contacto com o público fosse mais íntimo, mais focado em transmitir cada pormenor da história. Estava consciente e preocupada que cada palavra e momento da história fosse ouvido pelo público e que este me compreendesse. A necessidade de captar constantemente a atenção de todas as crianças, obrigou-me a uma responsabilidade de ter o texto seguro naquele momento e precisamente no momento a seguir. Às vezes, senti momentos de pausa esperando que chegasse à minha memória a palavra seguinte, eu pensava em toda a estrutura do conto e os momentos que o compunham.

Ao experienciar estes momentos, tanto com o público como com o texto, entendi que havia cada vez uma maior necessidade de interacção entre mim, as crianças e a história.

Posto isto, decidi arriscar colocando interacções até nos lugares mais calmos e íntimos das histórias como por exemplo: “Tum tum tum tum tum” o bater do coração da Ana João. Toda a atenção, cada olhar, cada palavra e gesto do meu corpo pedia isso: *feedback* e estímulo.

Do outro lado da magia, tinha em mente o meu foco que era o texto e os estímulos das crianças e a minha resposta mediante os estímulos.

Com toda a interacção e o cuidado de entender a mensagem da história recebi aquilo que inconscientemente ou conscientemente pedia, respostas aos estímulos das crianças. Os estímulos aconteciam nas crianças de forma natural. Durante a história, quando esses estímulos eram mais naturais como, por exemplo, perguntas no meio do conto “Quem é o Santiago”? ou risos, isto exigia da minha parte uma maior rapidez na resposta e na improvisação do conto, sendo a adaptação da minha parte mais natural também. Outras vezes, os estímulos eram mais “provocados”, como quando eu pedia que abraçassem a almofada, isto é, eu encaminhava-os a reagir a algum momento da história que eu achava propício haver interacção.

Da minha parte, era mais fácil, reflectir naqueles segundos sobre o que vinha a seguir e aproveitar para também tornar o conto mais leve e criar momentos de brincadeira.

Nestes variados momentos de interacção observei que há a possibilidade da improvisação no acto de contar, de poder correr a história de trás para frente e vice-versa adaptando a história ao meu ritmo.

Ainda sobre esta experiência, percebi que isto é possível pois estou sozinha em palco o que me permite ter uma maior liberdade de improvisação.

Percebi a importância de transmitir a mensagem certa e de transformar algo que não foi escrito por mim, em algo meu, onde acontece uma apropriação natural durante o acto de contar, sentindo-me mais segura, transmitindo essa segurança para as crianças. Esta segurança passa pela presença de todos os momentos na minha memória e existindo fluidez na contação.

Concluo esta reflexão percebendo que este teste me ajudou imenso, possibilitando-me outros pontos de vista acerca do meu trabalho e opiniões construtivas para que possa melhorar e ter uma noção com aquilo que posso ou não contar nos espectáculos.



Foto 15- Pré-Teste Póvoa de Lanhoso



Foto 16- Pré-Teste Póvoa de Lanhoso

b) Entre o Urbano e o Interior: Braga e Arco Baúlhe

Lugares diferentes levaram-me a espaços diferentes, públicos diferentes e com isto experiências diferentes, o que irá ler agora, será uma comparação entre estes dois lugares.

Na Biblioteca Pública Lúcio Craveiro, em Braga, os espectáculos aconteceram do dia nove ao dia catorze de abril. A semana na Biblioteca Municipal de Arco de Baúlhe decorreu do dia 16 ao dia 23 de abril, no momento dedicado à hora do conto (fotos 17-20).

Em Braga, “Santiago” decorreu num auditório, com palco e plateia, espaço amplo e entre o palco e a plateia existia um espaço que me separava do público.

O palco e o cenário em Braga ganharam brilho, captando a atenção do público, havendo espaço suficiente para toda a minha dinâmica. Apesar do afastamento entre mim e o público, do meu ponto de vista, não criou nenhum bloqueio, mas sim alertou as crianças para uma maior atenção ao que estavam a ver, levando-as a ter um comportamento exemplar digno de um espectáculo.

Um palco com vida foi criado no auditório, um espaço amplo tornou-se num espaço íntimo onde ao fim do primeiro dia me sentia em “casa”.

Já em Arco de Baúlhe o palco situava-se dentro de uma sala fechada onde os meninos ficavam sentados em almofadas e o cenário em frente deles, não havendo qualquer espaço de separação entre mim e as crianças.

As diferenças de apresentação nestes dois lugares são muitas, não só a nível de espaço, como também o facto de haver luz do dia (em Arco de Baúlhe), não permitindo o uso de luzes eléctricas cortando assim o efeito de intimidade e magia na hora do conto. Apesar de existir uma maior proximidade com as crianças, muitas vezes a preocupação do público estar quase a tocar no cenário era bastante. Demorei algum tempo até me adaptar a este novo espaço, ainda assim, foi uma óptima experiência ganhando mais traquejo em captar a atenção do público e a lidar de perto com os estímulos das crianças.

A cidade das memórias, em Arco de Baúlhe, estava construída numa sala ao lado, na parte da Biblioteca Juvenil: as casas estavam lado a lado formando um corredor largo, onde se viam as casas todas ao mesmo tempo, repleta de luzes e folhas no chão. A cidade das memórias ganhou uma nova dimensão, ganhou vida e cor, tornando-se num ambiente mágico e misterioso delicioso de ver. Em Braga, a cidade das memórias, mesmo sendo bonita e de todos gostarem, ficou aquém daquilo que seria um ambiente mágico, o que pode ter levado a um corte de imaginação por parte de algumas crianças.

O espaço que nos foi disponibilizado contribuiu para a grande diferença entre as duas cidades das memórias, pois não permitia às crianças usufruir à vontade da cidade sempre com receio de estragar o percurso, o que não acontecia em Arco de Baúlhe, pois o espaço alargado entre as casas dava às crianças liberdade para brincarem um pouco mais, sem receios de danificar algo.

Cidades diferentes, pessoas diferentes, hábitos diferentes, deste modo, públicos diferentes. A grande diferença que notei foi o facto de receber em Braga um público do primeiro ao quarto ano de escolaridade e turmas com necessidades de educação especial e em Arco de Baúlhe o facto de só ter recebido turmas de pré-escolar. Uma diferença abismal que provocou em mim uma maior necessidade de adaptação a todos os níveis: corporal, vocal, de concentração de texto e principalmente de energia.

Em Braga recebi as turmas de primeiro, segundo, terceiro e quarto ano de escolaridade de forma alegre e bem-disposta. As turmas caracterizavam-se por um raciocínio mais elaborado e um comportamento adequado, questionando quase sempre o que acontecia à medida do espectáculo ia decorrendo e durante a visita à cidade das memórias.

As crianças faziam-me sentir segura, pois tinha a noção do entendimento delas sobre tudo aquilo, acabando por confiar nelas, deixando de me preocupar com o que estas iriam perceber ou não. Mostravam logo de início entusiasmo por tudo, não escondendo a alegria que possuíam por estar num ambiente diferente ao de todos os dias.

Ainda na cidade de Braga, um desafio chegou até mim em rostos carregados de surpresa e carinho: as turmas com necessidades educativas especiais foram uma lufada de medo, adrenalina e vontade. Ao recebê-los não sabia como seria a reacção deles e com isto ficava nervosa. Gostava que tivessem uma grande experiência e que a história ou eu lhes tocasse de alguma forma, gostava que saíssem de lá com uma diferença para além das diferenças que já possuíam.

Ora como dizia anteriormente públicos diferentes, e foi o que aconteceu em Arco de Baúlhe marcado pela discrepância de idades. O público das escolas pré-escolares era constituído por crianças muito pequenas com idades que rondavam entre os três aos cinco anos. Este público “bebé” obrigou-me a uma grande adaptação da linguagem e ainda um esforço maior para captar a atenção deles, apostando mais e mais nas interacções. A sua atenção era mais limitada, o que me levava a ter uma maior concentração e uma energia incansável a partir da primeira palavra de forma a “agarrá-los” durante toda a história.

Nesta semana não recebi turmas com necessidades especiais, então a oportunidade de testar a inclusão do projecto foi bem menor que em Braga. O que para mim foi de certa forma

estranho, pois um grande conceito ligado a este projecto não foi testado com pessoas de necessidades especiais, digamos que senti que faltava algo em cada espectáculo, mesmo tendo recebido tantas crianças.

O espectáculo para o público geral em Braga foi no dia catorze de abril, um sábado. Os nervos para enfrentar aquilo que seria um público mais adulto foram aumentando e com isso a incerteza de actuar perante um público mais adulto, onde colocar toda a brincadeira, toda a energia infantil em algo sério e adulto?!

A decisão foi de fazer exactamente igual, pois tratava-se de um espectáculo para crianças.

O público chegou e com ele trouxe algumas crianças que marcaram por serem poucas e por me fazerem sentir seguras com a sua presença, mesmo tendo o olhar dos adultos. Posso dizer que o espectáculo teve uma boa adesão para um sábado de manhã e contou com muitos pais interessados em levar seus filhos a ouvir uma história, o que me soube bem!

Apesar de nesse dia ter sido avaliada por um júri do mestrado, senti-me bem como em outro qualquer espectáculo e o medo inicial acabou por se transformar em energia que dediquei à história e ao público.

O espectáculo para o público geral em Arco de Baúlhe foi no dia 23 de abril numa segunda feira às seis horas da tarde. Talvez tenha sido por ser dia da semana e ao final da tarde, mas a verdade é que a adesão foi bem mais baixa. Mesmo o Santiago tendo entrado na programação da “hora do conto” na biblioteca, a participação de crianças e pais e até mesmo escolas com um nível de escolaridade superior foi baixa e neste último caso negativa.

Na minha opinião, a pouca abertura da vila e a falta de acessibilidade das pessoas provocou também uma abstenção à ida ao espectáculo.

Um outro dado relevante que é preciso ter em conta em relação à falta de adesão do público é o espaço mais rural e tudo o que isso acarreta em Arco de Baúlhe, enquanto que Braga é um espaço mais urbano com todas as facilidades, que uma urbanização pode trazer. No entanto esta pouca adesão não foi de todo negativa, pois criou no espectáculo um ambiente mais calmo e íntimo e por momentos com uma energia harmoniosa sem ter que estar constantemente a agarrar a atenção de tudo e todos, o que se tornou maravilhoso para um último espectáculo.

Seria impossível após dezassete espectáculos (*acho que aqui o leitor deve concordar comigo*) ficar indiferente a tudo o que vivi em cada palco, com cada público e em cada visita à cidade das memórias.

De todas as diferenças, de todo o cansaço e de todos os desafios os espetáculos do Santiago foram uma prova profissional daquilo que sou e que posso ser capaz de realizar na minha área. Mostrou-me a força que uma história pode provocar numa criança podendo mover imaginários da forma mais genuína possível, mostrou-me ainda que mesmo estando sozinha em palco, nunca estou só, porque há toda uma equipa que acredita no nosso trabalho e em nós, mostrou-me também que a atenção e o sorriso de uma criança são valiosos e que conseguindo isso, conseguimos “tudo”.

Só tenho a dizer de coração cheio Obrigada Santiago!



Foto 17- Cidade das memórias em Arco de Baúlhe.



Foto 18- Cidade das memórias em Braga.



Foto 19- Palco em Braga.



Foto 20- Palco em Arco de Baúlhe.

3. “Ao chegar a casa deitou a cabeça na almofada...”, *mas não adormeceu!*

Caro leitor, deve perguntar se cheguei realmente ao fim, mas posso dizer-lhe que não, talvez este até seja o começo de algo diferente, mas agora que falta pouco, fique comigo nesta última reflexão.

Na verdade, não é e nunca será um fim, há sempre algo que fica, há sempre algo por dizer... e com o Santiago não foi diferente.

“O Ensinamento de Santiago” trouxe-me novas perspectivas acerca do papel de contadora e actriz, tais perspectivas levaram-me a reflectir sobre o meu papel ao fazer parte desta experiência.

Tal como referi no início, a história era outra, logo o objectivo era outro. Alcançar uma contaminação entre a contadora e actriz, explorar o papel de contadora no seu todo, permitindo-me sair da história assumindo o “eu” e voltar a entrar na história assumindo uma personagem, seria algo a alcançar apesar da história ser outra.

O trabalho de contador leva consigo a ideia de contador de histórias que, segundo Patrice Pavis, narra a sua história através de gestos e fala interpretando uma ou várias personagens, voltando sempre ao seu relato. Do seu ponto de vista, o contador é um performer que realiza uma acção e transmite uma mensagem poética recebida pelo ouvinte-espectador, renovando assim, a prática teatral dos nossos dias.

A força educativa e inclusiva do projecto e os objectivos e estratégias definidos para este projecto pela autora e co-orientadora não forma o contexto adequado para descobrir a contaminação existente entre contadora e actriz. Na realidade, não houve espaço para poder descobrir a fundo o papel de contador, principalmente na linha de Patrice Pavis.

O trabalho de contador de histórias ficou diluído no meio de tantos outros focos de contaminação, passando assim, a dar lugar a um outro trabalho, o de construção das personagens e a importância do narrador.

Com esta transformação, ou desvio de caminhos, acabei por ganhar uma outra dimensão com a questão do trabalho de actriz. A dimensão a que me refiro é sobre a oportunidade de ter uma atenção especial na construção de personagens e que mesmo não assumindo o “eu” em algum momento da história, permitiu-me uma maior dinâmica entre o jogo de personagens e a interacção com as crianças. Representei três papéis em cena: narrador, Ana João e Santiago.

Foi, sobretudo, como narradora que explorei mais as possibilidades de interacção com o público à medida que ia contando alguns dos acontecimentos da história. Deste modo, percebi que a narradora não deixa de ser uma interpretação da minha parte. Por vezes, até parece ser mais uma personagem, ainda que mais contida que as outras.

No começo, ao deparar-me com estas transformações, foi um desafio, pois ainda tentava descobrir uma possível contaminação contador/actor.

À medida que os espectáculos foram passando, aquilo que o Santiago me pedia como actriz, ia-se distanciando do meu foco, ou melhor, ia-me mostrando um novo foco de atenção para que o pudesse fazer acontecer, mas utilizei esse desvio em minha função, dando mais dinâmica às cenas e à história, estando sempre presente em palco do início ao fim.

Eu, o rosto do projecto Santiago, *mergulhei* naquilo que este me pedia enquanto actriz. Como já referi, este projecto teve uma vertente bastante educativa, o projecto ganhou um novo propósito.

O contexto no qual Santiago está inserido foi importante para perceber a minha posição como actriz e como esta pode ser versátil, acompanhando sempre as exigências que o projecto me pedia. Estas exigências tornaram-me, de alguma forma, mais flexível às circunstâncias, ou seja, a capacidade de me ajustar ao que me rodeava teve um grande efeito, o que no final se verificou na minha prestação. Contudo esta capacidade de me ajustar não foi apenas relativa à minha área (a interpretação), mas também a todo o processo de construção do qual fiz parte.

Este novo propósito para além de inclusivo, extensível a todas as crianças com necessidades educativas especiais, também tinha como função ensinar às crianças as emoções e como lidar com estas através das cores. Deste modo, o espectáculo foi dividido em dois momentos: um dos momentos conta a história e o segundo momento complementa o objectivo inclusivo e educativo no qual eu tenho um papel como mediadora/animadora de percurso.

Foi no momento em que se abriu as portas à tecnologia que se criou uma relação entre a oralidade, a palavra e o uso da tecnologia que hoje em dia na nossa sociedade é quase impossível escapar. Esta relação foi algo que já tinha deixado em aberto na minha proposta, e que me parece uma questão urgente de reflectir, a palavra com toda a força tecnológica que está presente nos nossos dias, afectando as crianças e o seu crescimento.

Apesar de considerar esta relação como algo urgente, o uso da tecnologia no projecto Santiago veio, na minha opinião, complementar a oralidade e uso da palavra. A meu ver a força

tecnológica não apagou o valor da palavra e o uso desta durante o momento da história. A tecnologia veio potenciar a palavra, tornando mais acessível a leitura.

Esta complementaridade aconteceu no final da história quando as crianças se dirigiam à cidade das memórias onde usavam a tecnologia como recurso a outro momento de aprendizagem.

Considero o momento da cidade das memórias, um momento extra-espectáculo, pois toda a explicação e toda a visita era guiada por mim mesma, sem personagem, apenas fazendo algumas ligações com aquilo que tinham visto anteriormente na história. Na cidade das memórias estava livre de qualquer personalidade criada, já não sou personagem. A minha função passou a ser outra, a de transmitir e concluir a aprendizagem que teve início no palco. Para que a aprendizagem captasse a atenção de todos principalmente a dos mais pequenos, foi utilizada a tecnologia através de diversos *tablets* que descodificavam um código conhecido pelo nome de QR code.

Esta acção era acessível a todas as crianças, ficando elas responsáveis por adquirir uma maior aprendizagem acerca da história, da cidade em si e das emoções. Deste modo, volto a reforçar a ideia de complementaridade entre a tecnologia e a oralidade, onde as crianças no fim de ouvirem a história e o ensinamento, através da palavra, foram de seguida explorar e concluir o *ensinamento* com a ajuda da tecnologia, que acabou por os cativar ainda mais.

A cidade veio tornar a questão da acessibilidade e a parte inclusiva do projecto, onde para além das crianças do ensino regular terem acesso a mais história, desenvolvendo as competências de literacia, as crianças com necessidade especial tendo as mesmas competências, usaram o alfabeto braille e tiveram oportunidade de manusear o próprio percurso, repleto de relevo, para estimular o tacto, criando imagens para quem não pode ver.

Com o desenvolvimento da sociedade, o papel do contador de histórias ganhou uma outra dimensão e foi na abordagem do dramaturgo e actor Rui Pina Coelho, que me deixei *contaminar* pelo seu ponto de vista, acerca do papel do contador de histórias nos dias de hoje. Ficar a conhecer esta abordagem contemporânea, surgiu da necessidade de aprofundar a minha pesquisa de forma teórica.

Para além de Rui Pina Coelho dividir o contador tradicional entre contador contemporâneo sendo que com este, muitos actores deixam o teatro, passando à arte de contar histórias, Rui Coelho também defende que esta fronteira entre contador-actor é muito ténue, havendo desta forma, muitos focos de contaminação.

A passagem do tradicional ao contemporâneo fez com que o papel de contador de histórias estivesse ligado a uma dimensão performativa que não existia antes, e é agora um traço determinante no acto de contar histórias, levando isto a uma corporalidade do actor que tem como objectivo fazer desaparecer o intérprete, tornando-o apenas um simples veículo da palavra.

Deixando-me levar por esta definição do dramaturgo e actor, entendo agora e depois de todo o processo a complexidade desta dimensão teórica e ainda a dificuldade de levá-la à prática.

Ao estar em palco, também pude entender esta complexidade, isto é, percebi os tais focos de contaminação a que Rui Pina Coelho refere na sua abordagem. Com isto reflecto sobre a questão de usar estas categorias ou conceitos, Contador-actor, quando estes estão tão próximos, quando usados num contexto repleto de contaminações. Com efeito com o Santiago tornou-se claro que estava a potenciar o trabalho de actriz, com a construção de personagens.

Revejo os focos de contaminação na própria dimensão performativa a ideia de ser um simples veículo para a palavra e ainda a força contemporânea que ganharam estas duas categorias ao longo do tempo, mas considero-as material como desafio para uma próxima vez, numa perspectiva de ideia para o futuro, pois exige-me mais estudo e experimentação.

Esta observação abre-me possibilidades como actriz num contexto actual, para além de me ter preparado melhor na minha aérea, permitiu-me usufruir de todas as minhas técnicas adquiridas durante a minha formação, retirando assim uma vasta aprendizagem no meu estágio.

A aprendizagem foi tudo isto: através do trabalho de estágio tentei procurar possíveis respostas para o meu tema inicial, mas este permitiu-me outra descoberta, a construção de personagens. A necessidade de corresponder às tarefas de estágio ajudou-me a recentrar o tema para projectos futuros.

Quem sabe, o próximo projecto não venha a ser a história do princípio!



Bibliografia

Bettelheim, B. (2008). *Psicanalise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Lisboa.

Clara Haddad. (s.d) Storyteller Escritora Celebrante produtora Cultural e Actriz
Consultado em Outubro de 2017, disponível em <https://www.clarahaddad.com/>

Coelho, R. P. (2008). Sem corpo, sem problemas Narradores e contadores de histórias *Sinais de Cena*, 10, 18-21.

Coelho, R. P. (2012). Narradores, actores e contadores de histórias. *Drama*. Consultado em 7/11/2017, disponível em <http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/5574>.

Fonseca, O. (2010). *O conto maravilhoso e o desenvolvimento de um raciocínio ético*.
(Dissertação de Doutoramento em Literatura. Literatura Oral e Tradicional). Disponível no repositório da Universidade do Algarve, <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3451>

Narração oral. Narradores em Portugal Storytellers in Portugal.
[Ouvir e Contar António Fontinha]. Consultado em 27/11/2017, disponível em <http://narracaooral.blogspot.pt/2010/05/antonio-fontinha.html>

Pavis, P. (2003) *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspetiva.

Saldanha, A. (2015). *No caminho para casa*. (Dissertação de Doutoramento em Educação Artística.). Disponível no repositório da Universidade do Porto, Faculdade das Belas Artes, <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/92256?mode=full>

Anexos



Convite

Vimos por este meio convidar a participar na apresentação do projeto piloto “Ensinamento de Santiago”, que decorrerá nos dias 9 a 13 de abril (escolas) e 14 de abril de 2018 (público geral).

As sessões para as escolas decorrem das 10h às 11h30m e das 14h às 15h30m, público geral das 10h às 11h30m.

Para o efeito, necessitam de se inscrever junto da **Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em Braga** (local de apresentação).

Entrada gratuita



Câmara Municipal de
Cabeceiras de Basto



Sinopse

O **Ensinamento de Santiago** tem o foco na intervenção social que pretende resgatar a criança, ser natural, através de um projeto de educação artística com propostas diversificadas estimulando o que se tem perdido, com as mudanças rápidas da nossa sociedade que, tantas vezes, as desconecta com a sua essência que é ser criança. É um abraço entre a tradição e a contemporaneidade.

Propõe-se uma **metodologia inovadora**, lançando um desafio a ilustradores profissionais e não profissionais, que através de um texto/esboço do livro se inspiraram para **criar o Santiago** (o amigo imaginário).

Com esta proposta criou-se uma **instalação itinerante** que irá ser apresentada na **Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva nos dias 9 a 14 de abril de 2018**. Esta instalação foi construída de forma a veicular a mensagem da criança, ser natural, em que paralelamente será interativa para as crianças poderem vivenciar jogos, brinquedos e brincadeiras (tradição) e terem contato com a natureza e a sua natureza através da experimentação da Cidade das Memórias.

A **instalação será um bloco do projeto abrangente que incluirá uma performance em que se conta a história às crianças, uma Cidade das Memórias interativa e um livro digital com jogos para consolidação da vivência e aprendizagens**. Este projeto foi **adaptado para ser inclusivo, criando acessibilidades** para que as crianças com necessidades especiais possam participar.



Câmara Municipal de
Cabeceiras de Basto



PROTOCOLO DE ESTÁGIO

A ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (Rua da Alegria, nº503, 4000-045 Porto)-, unidade orgânica do Instituto Politécnico do Porto, e a Associação OMSN - O Mundo Somos Nós (Rua Cândido Oliveira, 75 - 4ºDt, 4715-012 Braga), sede da Plataforma de projetos inclusivos artísticos e educativos MOSAICO, assumem um compromisso de colaboração interinstitucional na realização do estágio da aluna de mestrado em Artes Cénicas Margarida Silva.

A aluna Margarida Silva será orientada pela docente da ESMAE Sónia Passos e coorientada pela coordenadora da Plataforma MOSAICO Ana Caridade.

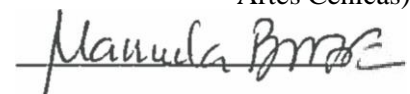
É no âmbito dos projectos desenvolvidos pela plataforma MOSAICO que a aluna desenvolverá o seu trabalho de estágio. Ficam, assim, definidos os projectos e as tarefas da responsabilidade da Margarida (ainda que supervisionada) consideradas para efeito de planificação e avaliação de estágio, enquanto exercício académico aplicado:

- Projecto "Santiago" - actriz e contadora de histórias, co-criadora na apresentação do espectáculo e instalação artística;
- "Iara na Floresta dos Contrários" do projeto da "Escola O Mundo Somos Nós" – formadora de Introdução à Expressão Dramática, dirigida a crianças e adolescentes. O estágio decorrerá até ao final do mês de Abril de 2018.

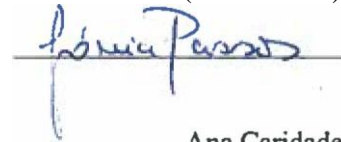
A assinatura do protocolo fica a cargo da estudante, das orientadoras e da Coordenadora do Mestrado em Artes Cénicas, depois de informados o Director de Departamento de Teatro (Hélder Maia) e a Presidente da Associação OMSN (Ivone Apolinário).

Porto, 30 de Novembro de 2017

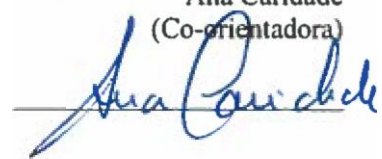
Manuela Bronze (Coordenadora do Mestrado em
Artes Cénicas)



Sónia Passos
(Orientadora)

Handwritten signature of Sónia Passos in blue ink, written over a horizontal line.

Ana Caridade
(Co-orientadora)

Handwritten signature of Ana Caridade in blue ink, written over a horizontal line.

Margarida Silva
(Aluna de Mestrado em Artes Cénicas)

Handwritten signature of Margarida Silva in blue ink, written over a horizontal line.

ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Shhhhh...: conta-me uma história
Margarida Alexandra Couto Fernandes da Silva

